

O CONCEITO DE EGO E PROBLEMAS DE FRAGILIDADE DO EGO

Transcrições das Conferências ministradas pelo Dr. Mario Jacoby no Instituto Jung, em Zurique, Suíça, de 18 de janeiro a 22 de fevereiro de 1971, semestre de inverno 1970-71.

CONFERÊNCIA 1 – O Ego e a Consciência

Quanto mais se pensa sobre ele, mais complexo o tópico se torna. Apesar de o ego estar muito próximo de nossa consciência, é precisamente por meio dele que somos compelidos a explorá-lo, e essa é a dificuldade fundamental.

Eu existo somente na medida em que estou consciente de existir. Enquanto estou imerso em um sono profundo e sem sonhos, ou em um estado de inconsciência, não mais existo. Enquanto não estou ciente de minha existência, não existo. Olhando para meu corpo, outras pessoas poderão estar cientes do fato de que o indivíduo que tem o meu nome está ali deitado, mas eu não mais sei que existo. Em outras palavras, o ego está relacionado à *consciência*.

No século XVII, como vocês podem lembrar, o filósofo Descartes cunhou a famosa expressão: “*cogito, ergo sum*” - *penso, logo sou*. Queria derrubar os antigos sistemas escolásticos de filosofia, com suas explicações dogmáticas do mundo. Por essa razão, tudo tinha que primeiramente ser questionado. Mas a dúvida tomou-se para ele um método *filosófico*. Ele deu-se conta de que tudo poderia ser posto em dúvida, incluindo a veracidade de sua própria percepção sensorial do mundo. Havia apenas uma coisa da qual não podia duvidar: o fato de que duvidava. Duvidar é um ato de pensamento, ou, em todo caso, um ato de consciência. Em última análise, sua dúvida reduziu-o à ciência do fato de que duvidava; vale dizer, à realidade de seu próprio pensamento. E foi isso que o levou à famosa frase: “*cogito ergo sum*”. Deve-se, entretanto, salientar que ele não compreendia *cogitare* como significando apenas pensar no sentido estrito da palavra, mas também sentir, querer e não querer, ter esperança, temer, odiar, perceber, etc. Para ele, eles constituíam atos de consciência que estão relacionados à razão. Como a *razão* é uma dádiva de Deus, tudo que posso claramente reconhecer tem de ser verdadeiro. Desse modo, Descartes justifica a confiança do homem em sua própria razão, dádiva de Deus. Como resultado, explorar a natureza e suas leis deixou de ser um pecado, como ainda era o caso durante a Idade Média.

Além dessa premissa, Descartes supôs adicionalmente que o oposto de razão - que ele chamou de “substância mental” - era a “substância extensa”, ou matéria. Essa era sua justificação filosófica para a dualidade de mente e matéria. Até os dias de hoje, os cursos universitários continuam a ser classificados de acordo com esses conceitos: as humanidades e as ciências. Mesmo o ser humano é dividido em razão e extensão corporal. Razão, consciência do fato de que penso e, portanto, sou, era considerada como sendo o reino psíquico. Que a psique seja equivalente à consciência era uma suposição comumente aceita na psicologia até as descobertas mais recentes da psicologia profunda. Um provérbio corno: “*Onde há um desejo, há um caminho*” [*Where there is a will, there is a way*], é uma boa indicação da extensão em que isso era uma abordagem geralmente reconhecida. Mas os poetas, os românticos, e especialmente Nietzsche, chegaram a mencionar o inconsciente, ou pelo menos intuíram a sua existência.

Não tenho a intenção de me aprofundar mais em detalhes históricos. Apenas referi esses desenvolvimentos históricos para explicar porque, no início do século, Jung tinha que dar tanta ênfase à idéia de que o ego é, de fato, o ponto focal de nossa consciência. Mas não o ponto focal de nossa psique como um todo. Hoje isso parece “autoevidente”.

Para começar, gostaria de familiarizá-los com a definição de ego de Jung, isto é, como Jung quer que entendamos o conceito de ego. Por ego, compreendo um complexo de representações que constitui o *centrum* de meu campo de consciência e parece possuir um alto grau de continuidade e identidade. Assim, também falo de complexo egóico. O complexo egóico é tanto um conteúdo quanto uma condição da consciência (q. v.), uma vez que um elemento psíquico me é consciente apenas na medida em que está relacionado ao meu complexo egóico. Mas, na medida em que o ego é apenas o *centrum* de meu campo de consciência, não é idêntico à totalidade de minha psique, sendo meramente um complexo entre outros complexos.

Assim, discrimino entre o ego e o Self, uma vez que o ego é apenas o sujeito de minha consciência, enquanto o Self é o sujeito de minha totalidade: portanto, também inclui a psique inconsciente. Nesse sentido, o Self seria um fator (ideal) que abrange e inclui o ego. Na fantasia inconsciente, o Self frequentemente aparece como uma personalidade superordenada ou ideal, como Fausto em relação a Goethe, e Zaratustra em relação a Nietzsche. No esforço de idealização, os aspectos arcaicos do Self são representados como praticamente separados do Self “superior”, como na figura de Mefisto, em Goethe, ou na de Epimeteu, em Spitteler. Na psicologia cristã, a

separação é extremada nas figuras de Cristo e do demônio ou anticristo; enquanto que em Nietzsche Zaratustra descobre sua sombra no “homem mais feio que há”. (C. G. Jung, *Psychological types*, p. 540)

Adicionalmente, gostaria de citar a definição de Jung de consciência:

*Por consciência, entendo a relacionalidade dos conteúdos psíquicos ao ego, à medida que são sentidos como tais pelo ego. À medida que relações não são sentidas como tais pelo ego, são inconscientes. A consciência é a função ou atividade que mantém a relação dos conteúdos psíquicos com o ego. A consciência não é idêntica à psique, já que, em minha visão, a psique representa a totalidade de todos conteúdos psíquicos, e esses não estão todos necessariamente ligados diretamente ao ego, isto é, relacionados a ele de tal modo que tomem a qualidade de serem conscientes. Existe uma grande quantidade de complexos psíquicos, e eles não estão todos necessariamente conectados ao ego. (Jung, *Psychological types*, p. 535-6).*

Assim, Jung também chama o ego de um complexo. Quando eu estava estudando Jung, primeiramente levou-me um grande tempo para compreender por que o ego era supostamente um complexo, similar aos complexos no inconsciente, e primeiro gostaria de tratar dessa questão. Como vocês sabem, Jung supôs que o complexo tinha um núcleo, que cresce pela atração de conteúdos relacionados a ele. Em outras palavras, o núcleo age como um ímã, que atrai esses conteúdos, inclusive a energia com que são carregados. Isso era, de fato, a base para os efeitos da livre associação na psicanálise freudiana. Se eu permaneço fazendo associações livres por um tempo suficiente, certamente irei me chocar com um complexo de matiz sentimental, pois ele parece atrair minhas associações.

O núcleo do complexo, enriquecido pelo material pessoal é, entretanto, idêntico ao arquétipo. Por trás do complexo materno, que abrange as experiências e conflitos que tive com minha própria mãe distingue-se o arquétipo da mãe. Desde tempos imemoriais, e onde quer que haja-vida-humana, mãe e filho têm estado necessariamente relacionados um ao outro de modo arquetípico. O assim chamado complexo materno deve-se, afinal de contas, ao fato de que o estágio arquetípico da relação com a mãe e o necessário desligamento da mãe foi, de algum modo, perturbado. Além da imagem primordial da mãe e todas as emoções específicas a ela associadas, o complexo é reforçado por experiências pessoais e, sob certas circunstâncias, pode interferir na atividade consciente.

Consideremos agora o complexo egóico. O ego parece-nos ser a mais pessoal de todas as coisas, que claramente nos distingue do ambiente circundante. Todavia, o complexo egóico tem um núcleo arquetípico. Cada indivíduo tem de desenvolver um ego mais ou menos forte, e esse desenvolvimento está sujeito a leis humanas válidas em geral. Em seu livro sobre as origens da consciência, Eric Neumann descreve esse fenômeno e chama-o de desenvolvimento arquetípico dos estágios ou fases psíquicas sucessivas. Qual é o arquétipo que subjaz ao núcleo do complexo egóico? Como vocês todos provavelmente sabem, é o Self. Neumann descreve o ego como sendo, por assim dizer, um subsidiário do Self, um epifenômeno dele; em outras palavras, antes como um representante do Self. A relação entre o Self e o ego foi denominada por Neumann de eixo ego-Self. Entretanto, talvez devêssemos deixar para voltar a isso mais adiante.

O arquétipo subjacente ao complexo egóico é o Self. Mas, de fato, não se poderia dizer isso de todos os complexos cujo núcleo é arquetípico? Afinal, Jung definiu o centro de toda a psique como sendo o Self, e todos os arquétipos no inconsciente coletivo estão a ele relacionados. São como se fossem expressões, aspectos diferenciados da unidade primordial.

Poderíamos então perguntar se não haveria algo mais específico, algo diferenciado no domínio dos arquétipos que constitua o núcleo do complexo egóico. Aqui encontramos um símbolo, o símbolo do herói, que pode ser interpretado como uma expressão espontânea do ego consciente.

Antes de prosseguirmos, entretanto, gostaria de fazer alguns comentários metodológicos. Levantamos a questão do que poderia constituir uma possível base arquetípica para a consciência egóica, isto é, o núcleo do complexo egóico. Em conexão com isso, subitamente mencionei um símbolo, o símbolo do herói. Como posso passar subitamente de um conceito abstrato como o de arquétipo para um símbolo? Qual é a conexão entre o símbolo e o arquétipo? Para aqueles de vocês que estão familiarizados com a obra de Jung, a associação entre o símbolo e o arquétipo é autoevidente. Mas para garantir que esses conceitos estejam claros a todos, terei de pedir que me perdoem por repetir sucintamente o que pode já ser conhecido por alguns.

Como vocês se lembrarão, em seus últimos escritos, Jung distinguiu entre o arquétipo *per se* e as imagens arquetípicas. O arquétipo *per se* não pode ser percebido, e conclusões quanto à sua natureza só podem ser obtidas a partir de suas manifestações. Podemos experienciá-lo apenas por meio de suas manifestações, isto é, por meio das imagens arquetípicas e por sua carga energética. Podemos ver e experienciar que certas imagens arquetípicas têm um efeito emocional em nós. Contudo, não são as imagens que nos afetam desse modo, mas o arquétipo *per se* imperceptível, que é responsável por nossas fantasias e manifesta-se nas imagens. Imagens arquetípicas são, portanto, idênticas a símbolos vivos. E, como sabemos, um símbolo é um fenômeno composto, que tem suas

origens em pelo menos dois domínios. A palavra grega *symbollein* significa atirar conjuntamente. Na Grécia, “symbolon” originalmente referia-se à parte quebrada de um dado ou qualquer outro objeto, cuja superfície encaixa-se perfeitamente ao outro fragmento. Amigos costumavam trocar tais fragmentos como um sinal de mútua afeição, que se estendia a todos os membros de suas respectivas famílias. Os fragmentos serviam como meios de identificação, que eram passados de geração a geração. Se um visitante apresentasse um fragmento que encaixasse com o do anfitrião, então tinha que ser considerado, por assim dizer, um visitante legítimo; O significado originalmente concreto da palavra mais tarde adquiriu o significado legal de contrato ou acordo. Além disso, no domínio estético, passou a denotar “imagem significativa”, ou símbolo. Em outras palavras, a imagem torna-se um símbolo, sempre que está ancorada em algum significado adicional ao de seu impacto visual. O significado é veiculado pela imagem e torna-se transparente por meio dela. O reverso também é verdadeiro: uma imagem que toma a aparência de um símbolo aponta para algo além de si próprio. Para Jung, um símbolo é “a melhor descrição ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido (...) que não pode, portanto, conceivelmente ser representado mais clara ou caracteristicamente”.(Jung, *Psychological types*, p. 601).

Em termos psicológicos, o símbolo refere-se, de um lado, ao arquétipo *per se*, transcendente à consciência e imperceptível, enquanto de outro lado é uma manifestação dele. Essa é a razão pela qual apenas a manifestação e seus efeitos podem ser percebidos, mas não o arquétipo *per se*. O arquétipo *per se* é imperceptível. Ao dizer que o herói é um símbolo para nossa consciência egóica, queremos dizer que o símbolo representa o limite do que podemos *saber* nesse estágio. De fato, não sabemos o que a consciência egóica é *per se*. Podemos descrever seus efeitos e podemos também elucidar a maneira pela qual ela se manifesta. Podemos também investigar como ela se desenvolve e onde está localizada no cérebro. Podemos elaborar hipóteses sobre o propósito de nossa consciência egóica, mas não sabemos o que ela efetivamente é em sua essência. Nesse aspecto, temos apenas interpretações religiosas ou metafísicas. Ao dizer-se, por exemplo, que a consciência egóica tem algo a ver com o homem como uma imagem de Deus, estamos novamente pensando dentro de uma linha mítica ou simbólica. Em outras palavras, todas essas interpretações são, em última análise, mitos, que podem ou não nos satisfazer. Jung interpreta a consciência como o mito do significado. É o mito do desejo de Deus de tornar-se consciente de sua própria criação e seu significado por meio da consciência do homem.

Não posso adentrar em maiores detalhes sobre esses conceitos difíceis, pois nos afastam demais de nosso tópico, mas gostaria de chamar à atenção de vocês o excelente livro de Aniela Jaffe, intitulado *The myth of meaning [O mito do significado]* (London, Hodder and Stoughton, 1970).

Anteriormente disse que o herói é experienciado espontaneamente como um símbolo da consciência egóica. Vocês poderão se perguntar: por quê?! Quando assistimos a uma peça de teatro ou a um filme, ou quando lemos um romance que nos cativa, geralmente notamos que ficamos identificados com um dos protagonistas da ação, e que experienciamos as coisas a partir do seu ponto de vista. Uma dessas figuras e a do herói da peça, filme ou romance. A menos que possamos nos identificar com ele, geralmente acharemos que a peça, ou o que quer que seja, foi entediante, implausível ou insatisfatória. Se, por outro lado, conseguimos realmente penetrá-la ou sermos tomados por ela, isso significa que no núcleo de nossa consciência - ao menos enquanto durar a performance - o ego do herói e seu destino é idêntico à nossa experiência. Podemos esquecer de nós mesmos - mais ou menos, é claro. Com frequência, enquanto assistia a um filme em que o herói encontrava-se em uma armadilha insuportável e de difícil solução, tentei sair da situação dizendo a mim mesmo: Bem, é apenas um filme, afinal de contas. Mas algumas vezes isso não é nem um pouco fácil. Frequentemente, um esforço razoável é necessário para trazer-se de volta à terra, isto é, para voltar ao próprio ego.

Hoje, o teatro e o cinema moderno tentam tornar tal identificação impossível, por meio da assim chamada alienação. Do ponto de vista psicológico, pode ser muito interessante descobrir por que razão *tais* idéias estão sendo hoje apresentadas no palco e na tela. A alienação coloca uma distância entre o público e a peça. Se eu tomo uma certa distância, posso ver toda a performance de modo menos emocional e mais crítico. Possivelmente, meu ponto de vista se torna mais inteiro, mais redondo. Frequentemente, a alienação também inclui o absurdo, como nas peças de Ionesco e Becket, onde ela contrabalança a realidade percebida pela nossa consciência egóica, indicando outras dimensões. Subjacente a esses esforços está a idéia da relatividade do ego e sua busca por identidades sempre novas. Muitas vezes, essas peças têm um matiz niilista, o que torna impossível [para o espectador] identificar-se com qualquer coisa. Não há nada a fazer, a não ser esperar por Godot, cuja existência provavelmente nada mais é do que a ilusão de uma esperança. Mas não sabemos isso. Em qualquer caso, nossa consciência egóica habitual torna-se duvidosa. Encontramo-nos confrontados com um vazio escuro, um nada, ou uma passagem para um mundo desconhecido e diferente, dependendo de como a experienciamos.

Mas voltemos ao nosso símbolo do herói. A consciência egóica parece achar fácil identificar-se com o herói, e a imaginação humana criou o herói como uma imagem da consciência humana. Entre os povos arcaicos, onde os mitos ainda estão vivos, o herói mítico é o modelo de comportamento. Mesmo na Grécia clássica, os heróis homéricos forneciam modelos para o que era considerado virtuoso.

Em Contos de fadas e mitos, temos muitos tipos diferentes de heróis. Como exemplos, podemos citar o grande Marduk, que lutou contra a serpente do caos, Tiamat, na Babilônia; Prometeu, que roubou o fogo dos

deuses; Osíris, que foi desmembrado; ou podemos até mesmo mencionar o “tolo” disfarçado dos contos de fadas, que mais tarde revela-se o verdadeiro herói. Sem dúvida, temos que traçar diferenças entre eles. Marduk estabeleceu e assegurou a consciência apenas após sua vitória sobre Tiamat, a serpente do caos. O furto do fogo por Prometeu marcou um começo; ele forneceu ao homem o potencial para a civilização. O tolo, por outro lado, tem que se defrontar com uma forma bem estabelecida de consciência que o vê, de cima, como sendo tolo. Em geral, seu pai é um rei, cujos dois outros filhos são menos estúpidos, mas que não têm sucesso em resolver o problema e portanto fracassam. Aqui estamos lidando com a transformação de urna consciência egóica que dominava, mas que de algum modo tronou-se estéril e alcançou uma crise. Estritamente falando, o tolo talvez não seja um símbolo da consciência egóica, mas de uma nova forma de consciência, que está relacionada ao Self Afinal de contas, ele desempenha um papel compensatório *vis-à-vis* a consciência egóica. Apenas mediante seu heroísmo a psique consegue um novo equilíbrio que não mais depende da consciência egóica. Como vocês sabem, Jung chamou essa transformação de processo de individuação. Usualmente, ela tem lugar apenas na segunda metade da vida, pois pressupõe a existência de uma consciência egóica sólida.

Para o propósito de nosso tópico, estamos mais interessados em heróis, como Marduk e Prometeu. Talvez vocês estejam familiarizados com o mito de criação babilônio, o Enuma elisch, que relata os feitos heróicos de Marduk. Mas caso alguns de vocês não estejam, gostaria de resumir-lo sucintamente. Tiamat, que simboliza o Caos primário ou o Profundo, dá à luz os primeiros deuses cósmicos: Espaço, Tempo, Céu e Terra. Os deuses cósmicos começam a mover-se por conta própria. Começam a cantar e fazer barulho. Isso perturba o adormecido Apsu, marido de Tiamat. Como resultado, Caos resolve matar os deuses cósmicos. Porém, os deuses cósmicos decidem defender-se. Marduk, o magnífico filho de Ea, deus da sabedoria, é escolhido como seu líder. Enquanto isso, Tiamat dá à luz a um exército inteiro de monstros, liderados por Kingu, que ela escolhe como seu marido, Marduk solta os quatro ventos contra Tiamat, que fica cercado por eles de todos os lados. Isso capacita Marduk a capturá-la com sua rede. Ele então desmembra o corpo dela com sua espada. E forma com seu corpo as partes da terra, isto é, as montanhas, os rios, etc. Tiamat não está morta. Sendo uma deusa, é imortal, e os deuses do caos, os monstros, escapam da punição. Apenas seu líder, Kingu, é morto, e com seu sangue Marduk cria a raça humana. O homem tem que, daí em diante, sofrer a tensão entre Caos e Cosmos, e a culpa resultante de seu conflito, de tal modo que os deuses possam estar em paz. Ademais, o homem tem que presentear os deuses com oferendas de incenso e comida para sustentá-los.

Pessoalmente, acho esse mito um dos mais esclarecedores. Por meio do nascimento dos deuses cósmicos, um reino de ordem diferenciada foi separado do caos primordial, indiferenciado. O cosmos e o caos são divididos em dois, e assim surge o conflito. A paz é perturbada. Apenas depois dessa separação e do resultante conflito é que Tiamat começou a ser má e deu à luz os monstros. Marduk usa os ventos para combatê-la. Ele a apreende, desmembra seu corpo e usa as partes de seu corpo para construir o mundo. Em contraste com o mundo dos monstros, com seus instintos devoradores, o mundo de Marduk é dotado do *anemos*, o vento, ou espírito. E assim que ele a captura, prende, disseca e diferencia suas várias partes para formar o mundo de nuvens, montanhas, nos, e assim por diante. O homem, que pertence a ambos os reinos, é assim criado mitologicamente. A luta entre ambas as forças é daí em diante repetida de vez em quando nele, e ele também tem que suportar a culpa por essa luta. Não é por responsabilidade sua que a Unidade primordial dividiu-se em Caos e Cosmos, e assim em sublevação e conflito, mas ele tem de mais ou menos suportar esse conflito. Marduk é, portanto, um modelo, por assim dizer, tendo demonstrado como se pode sobreviver a essa luta. Como um autêntico mito, a história de Marduk não aconteceu, simplesmente, alguma vez no passado, mas continua viva, na psique, enquanto potencialidade psíquica.

Marduk incorpora premissas importantes para nossa consciência egóica. Pois, de um lado, o mito mostra como a consciência egóica pode sobreviver à constante ameaça do inconsciente. Isso envolve luta. Suas armas são a espada da discriminação e o princípio *espiritual* inerente ao homem - expresso no mito como os quatro ventos. Isso significa que a consciência egóica é capaz de discriminar, o que fornece a base para criar um mundo diferenciado e para estabelecer uma hierarquia de valores. Em outras palavras, o caos dá lugar a um mundo externo e interno ordenado. Afinal de contas, as principais preocupações da civilização são diferenciar as coisas, explorar e classificá-las de acordo com suas características peculiares, de tal modo que o homem possa usá-las para construir o mundo que quer. O que fazemos na psicoterapia? Por meio da análise, diferenciamos conteúdos psíquicos de modo a ganhar um ponto de vista que nos capacite a colocá-los em seus lugares adequados, ao invés de sermos tomados pelo caos. Em outras palavras, o ego sempre luta pelo tipo de ordem que possa controlar e dominar. Isso parece ser o propósito último de sua luta pela sobrevivência.

Gostaria agora de analisar isso de modo mais detalhado. Para começar, temos de nos perguntar por que os seres humanos têm de, de algum modo, lutar para desenvolver a consciência egóica. O mito babilônio nos diz que no cosmos o homem tem uma função benéfica aos deuses. Ele tem de tomar para si a tensão entre os deuses, e, além disso, tem de sacrificar-se por eles para provê-los em seu sustento. O propósito do homem na vida, assim, residiria em adorar os deuses; por sua própria existência, já lhes presta um verdadeiro serviço. Os deuses cósmicos, portanto, têm interesse em que se torne consciente. Pois o homem é delegado a lutar contra o caos em seu lugar. Em sacrificando-se aos deuses, o homem toma-se ciente do fato de que é diferente dos deuses. Isso nos leva para

bem perto do conceito de Jung de acordo com o qual a totalidade, o Self, cria no ego um contraponto que capacita o Self a reconhecer-se, a tornar-se consciente de si próprio. Essa é a razão pela qual a consciência egóica tem o dom da reflexão. Reflexão é derivada do latim *reflectere*, flexionar para trás, isto é, tomar-se ciente da própria condição. A criação não está satisfeita com a mera existência. Ela deseja ser reconhecida e tornar-se consciente de si própria, o que não seria possível sem a consciência egóica do homem. Em última análise, o processo de tornar-se consciente está, em seu sentido mais profundo, em conformidade com a demanda dos deuses de serem adorados. Tanto quanto podemos saber, os animais não possuem o dom da reflexão, mesmo se não possamos negar que os mamíferos superiores tenham uma forma elementar de ego. Essa é a razão pela qual nem os mitos nem os deuses existem para os animais. Como salienta Adolf Portmann, os animais formam uma coisa só com a natureza, seguros em seus instintos e dependentes do meio ambiente. Estão profundamente enraizados em padrões naturais, instintivos, e estão equipados com os meios que lhes asseguram a sobrevivência da espécie. A ordem da criação está diretamente expressa nos padrões instintivos dos animais. Por essa razão, nem sempre eram considerados inferiores aos homens. Ao contrário, seus comportamentos sábios, instintivos, refletem o espírito-divino. Estão, na verdade, em alguns aspectos, mais próximos do próprio divino, e por essa razão, nos mitos muitas vezes são representantes do próprio divino, ou de seus atributos. Pense-se, por exemplo, em Hatho, a vaca divina; Ísis, que tinha uma cabeça de vaca; Toth, o macaco da sabedoria; ou o touro que representava Mitras, Osíris, Dioniso, e até mesmo Zeus.

O homem, por outro lado, foi o primeiro ser libertado do cativo da Natureza, como coloca o poeta alemão Herder. Apesar de pertencer à espécie dos mamíferos superiores, o homem distingue-se deles, primeiramente por algumas insuficiências. Em seu livro *Der Mensch [O homem]* (Bonn, 1955), o antropólogo Arnold Gehlen descreveu o homem como um “Mangelwesen”, uma criatura de deficiência. Por causa de sua pele nua, por exemplo, não tem nenhuma proteção natural contra as condições climáticas, enquanto os animais têm as suas peles. Não tem nenhum órgão natural para a agressão, e seu corpo é feito de tal modo que é muitas vezes incapaz de escapar dos animais selvagens. Eles correm muito mais rapidamente. Gehlen conclui, portanto, que sob condições completamente naturais a raça humana nunca teria chances de sobreviver. Foi vital para o homem transformar sua condição natural em uma condição cultural ou civilizada. Em outras palavras, teve de acender uma fogueira e construir para si um abrigo de modo a ser capaz de se proteger. Teve de inventar ferramentas e armas que substituíssem seus órgãos naturais deficientes. Essa capacidade de agir, de inventar e criar parecem ser o talento dado ao homem *por natureza* como compensação por suas deficiências biológicas, e capacita-o a transformar as condições naturais em um mundo civilizado no qual possa viver. E, em outras palavras, o potencial criativo do homem de desenvolver consciência que o distingue dos animais. Ele realmente tinha de desenvolvê-la desde o começo para poder sobreviver.

Como Gehlen salienta; essas insuficiências biológico-instintivas fazem do homem, de um lado, uma “proposição arriscada”. Por sua própria constituição, ele corre o risco direto de não desenvolver os meios essenciais para sua sobrevivência, de sucumbir a um acidente em algum lugar do caminho. Por outro lado, Herder viu nos instintos deficientes do homem a libertação do cativo da natureza. A ele foi dada a possibilidade de decidir e de transformar seu meio ambiente, o que significa que teoricamente pode viver em qualquer lugar da terra. Portmann descreve o homem como estando “*livre para tomar suas próprias decisões, e aberto para o mundo*”. Os animais estão seguros em seus instintos, e dependentes de seu meio ambiente, enquanto que o homem está aberto ao mundo e é livre para tomar decisões. Ao menos, isso é como o ego vê as coisas. Foi Freud quem disse que o desenvolvimento do pensamento científico causou três impactos sérios à auto-estima e ao orgulho do homem. O primeiro, quando Copérnico provou que a terra não era o centro do universo; o segundo, quando Darwin disse que o homem descendia do macaco; e o terceiro, quando a psicanálise revelou que não era nem mesmo senhor em sua própria casa, postulando o conceito de inconsciente.

Todavia, nosso ego é caracterizado por um certo grau de liberdade de decisão. Esse é o aspecto magnífico do ser humano e constitui sua dignidade, mas é também sua maldição. A consciência é, portanto, sempre experienciada como uma partida, uma separação do divino, e assim desperta sentimentos de culpa. Tomar-se consciente é também considerado o pecado original no mundo judaico-cristão. Tendo ganhado conhecimento sobre os opostos, sobre o bem e o mal, o homem foi expulso do paraíso da unidade primordial. Daí em diante, o homem teve de ganhar sua vida pelo suor de seu trabalho, e a mulher teve de dar à luz na dor. Os seres humanos foram, assim, feitos para trabalhar e sofrer. Conseqüentemente, não tinham outra alternativa senão assumir a luta heróica pelo desenvolvimento do ego. Pois o homem precisa da consciência egóica para ser capaz de sobreviver.

Apenas o desenvolvimento da consciência egóica, que é capaz de tomar decisões livremente, e é obrigada a confrontar e refletir sobre a criação tanto no mundo externo quanto no domínio psíquico, torna a existência humana um problema. O homem poderia, portanto, ser descrito como uma criatura de conflito.

A questão sobre por que o homem tem de lutar para obter sua consciência egóica só pode ser respondida destacando-se que é essencial para a existência humana, que é uma disposição inerente ao plano da criação. Pelo menos até agora; a dádiva da consciência deu ao homem uma chance de sobreviver, apesar de suas deficiências biológicas. Por outro lado, também foi a consciência que lhe forneceu a possibilidade de fabricar armas cujo potencial destrutivo é tal que o homem pode agora destruir a si próprio. Tendo o dom da consciência, o homem está

em uma situação altamente paradoxal. O que também é paradoxal é o fato de que, apesar da natureza do homem, sua totalidade inconsciente, dar surgimento a um ego e precisar da consciência egóica, ela também tenta engolir o ego de vez em quando, porque o Ego perturba seriamente a paz da criação. A sabedoria do mito babilônio está tomando-se cada vez mais perceptível em nossa assim chamada era tecnológica. A extensão na qual os produtos da consciência humana interferem na natureza esta se tornando bastante alarmante. Pense-se apenas na poluição do ar e das águas, etc.

A nível psíquico, há o perigo da frequentemente mencionada alienação do homem de si mesmo, sua vacuidade, que começa a manifestar-se apenas com a aparição de um ego relativamente autônomo. Já Rousseau intuiu que tudo degenera nas mãos do homem, mas que tudo é bom, na medida em que emerge das mãos do Criador de todas as coisas. Essa é a razão pela qual conclamou o homem a lembrar seu estado natural. Para ele, essa era a única cura possível para uma civilização degenerada pelo ego. Esse conceito era, é claro, utópico, pois não se pode reverter o curso da história; não se pode desfazer uma consciência egóica já alcançada sem causar um sério estrago. Todos vocês conhecem a resposta de Jung à auto-alienação do homem. O processo de individuação visa relacionar o ego novamente ao todo, de modo a compensar sua unilateralidade e criar um forma mais abrangente de consciência, em outras palavras, capacitar o homem a encontrar seu caminho de volta a si mesmo, à sua própria natureza específica.

Tiamat, vocês lembram, queria matar seus próprios filhos, pois o sono de seu marido foi perturbado; em outras palavras, a paz, a unidade, foi perturbada. Tivesse ela tido sucesso, a natureza e a vida teriam continuado existindo do mesmo modo. Tudo teria existido, exceto a *consciência* daquilo que existe. Nesse caso, o homem não teria sido necessário, pois o que o torna humano é precisamente sua consciência. Ademais, como espécie, teria há muito tempo sido extinto - como Gehlen salientou com bastante propriedade.

O espaço e o tempo foram os primeiros deuses cósmicos. Desde Kant, a questão filosófica sobre se o espaço e o tempo enquanto tais existem, ou se são meramente categorias de nossa consciência, tem sido objeto de discussão. Kant chamou-os de formas das impressões sensíveis. O que é percebido adquire forma por meio do espaço e do tempo, isto é, torna-se concreto e ordenado. Dessa maneira, aquilo que não é ordenado, o Caos, adquire ordem ou Cosmos. Sabemos que os sonhos não se conformam às categorias de espaço e tempo. Por exemplo, sonhamos com experiências passadas que há muito ocorreram, que se repetem no presente e em cenários completamente diferentes. Em um sonho, podemos estar em Nova Iorque e em Zurique ao mesmo tempo. Há sonhos que nos mostram que o Cosmos, ou ordem no espaço e no tempo é apenas uma parte da totalidade. Precisamos de ordem, das classificações das coisas de acordo com seus valores e das leis que as governam, mas ao mesmo tempo tal ordem nos prende Cosmos e Caos tornam-se opostos. Apesar do Cosmos, o Caos continua a existir. Marduk, o herói-ego, é o líder do Cosmos. O ego identifica-se com a posição do Cosmos e por necessidade torna-se unilateral. Ele só existe por meio da batalha, e para essa batalha possui duas armas importantes, os ventos e a espada.

Podemos dizer que o ego luta contra a natureza com a ajuda do princípio espiritual, os ventos. Não devemos esquecer que o espírito é também uma parte da natureza; é também um componente essencial da natureza humana. No estado primordial, esses opostos são um.

CONFERÊNCIA II

Na última vez, começamos a discutir o conceito de Jung do Ego. Para ele, o Ego é o centro de nossa consciência. A consciência consiste em todos os conteúdos psíquicos que têm uma ligação com o Ego. Jung fala freqüentemente do Ego como sendo um complexo. Como qualquer complexo psíquico tem um núcleo arquetípico, perguntamo-nos que arquétipo pode estar na raiz do Ego. Parece claro que tem que ser o Self, e Erich Neumann (escreve o Ego como sendo, por assim dizer, um subsidiário do Self. A partir do Self, que é o centro hipotético da personalidade toda, cresce um novo centro, o complexo egóico, como o centro da consciência. De fato, parece decisivo para a situação humana que a consciência egóica surja, e poder-se-ia dizer que tem de haver uma forte carga energética do Self direcionada a- essa meta. Hoje não sabemos, (a) o que a essência da consciência é; nem (b) o que a energia investida nesse desenvolvimento & Mas algo nos compele a refletir sobre esses mistérios para encontrar algum tipo de significado. Há símbolos que, até certo ponto, são capazes de satisfazer essa necessidade especificamente humana de encontrar significado na situação em que se está. A psique produz símbolos que são chamados, em alemão, de “Sinnbilder” – “imagens-símbolo”. Elas são, nas palavras de Jung, “a melhor descrição ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido, que não pode, portanto, concebivelmente ser representado de modo mais claro ou característico.” Descobrimos, portanto, que a figura arquetípica do herói é o símbolo de nossa possibilidade e de nossa necessidade de desenvolver a consciência egóica. Resumi sucintamente para - vocês o mito de criação babilônio, o “Enuma elisch”, que nos conta a batalha de Tiamat, o dragão-Caos primário, e seus filhos, contra os deuses cósmicos.

A natureza foi dividida em dois remos opostos com o nascimento dos deuses cósmicos. Tiamat continuou a reinar no mundo do Caos. Ela jogou seu exército de monstros à batalha e comandou seu marido Kingu. Pai Ea, deus da sabedoria, envia Marduk à batalha pelo lado do cosmos. O que teve lugar foi o surgimento dos princípios materno e paterno, os arquétipos da mãe e do pai. O ego identifica-se com o arquétipo paterno, que representa o Cosmos, ordem e espírito; os ventos e a espada pertencem a esse reino. A batalha dá-se contra a vida natural, inconsciente; contra os impulsos e os instintos, e também contra a indolência. Os ventos representam energia, que o ego requer para essa luta, e a espada está ligada à discriminação.

O que isso significa para os seres humanos na atualidade? Sabemos que mesmo tribos primitivas, os assim chamados povos da natureza, empreendem essa batalha contra sua própria natureza de modo a tornarem-se completamente humanos. Para esse fim, criaram os assim chamados ritos de iniciação, pelo qual todo adolescente tem de passar antes de se poder considerar que tenha alcançado a masculinidade. Em quase todas as tribos, há evidências de tais ritos de iniciação. A forma que o rito assume varia de tribo para tribo, mas o padrão permanece aproximadamente o mesmo. Os homens mais velhos da tribo, vestidos como espíritos, tomam os meninos de suas mães à força. Eles têm que viver na companhia exclusiva de homens, algumas vezes por vários anos, período durante o qual não lhes é permitido ver suas mães, e usualmente são proibidos de olhar para meninas. Em muitos casos, são sujeitos a escoriações muito rigorosas. Têm de aprender a suportar a dor, a ficar sem dormir e a não demonstrar sensações de fome. Têm de enrijecer seus corpos. Em suma, têm de aprender a superar seus impulsos naturais. Em geral, o fim desse período é marcado pela circuncisão ou subincisão, que é levada a cabo sem anestesia. Pode-se imaginar como isso é doloroso. Há sempre alguns meninos que sucumbem diante de tamanhas provações. Mas isso simplesmente significa que não eram viáveis e, portanto, não poderiam ter-se tomado membros valorosos da tribo.

Algumas tribos também têm práticas nas quais o tutor injeta em seu pupilo seu proprio sêmem *per anum* (analmente), de modo a imbuí-lo com sua força masculina e capacitá-lo a tomar-se um homem real. Ao fim, os iniciados são informados dos mitos da tribo. Há também alguns mitos que as mulheres não podem saber. Os homens têm de mantê-los em segredo, e têm de evitar que sejam repassados. A iniciação, assim, também tem um aspecto espiritual. Por meio da iniciação, uma parte dos instintos naturais é sacrificada ao divino, a um princípio espiritual. Precisamente como resultado do impulso sexual, o homem corre o perigo de ser superfortalecido por sua instintualidade, de um modo que pode levá-lo de volta à dependência das mulheres e de sua própria natureza.

Esse é o modo como os povos primitivos lutam sua batalha contra Tiamat. Mesmo entre os povos primitivos, podemos observar uma luta contra a natureza, uma luta que é requerida pela natureza humana, pelo impulso natural do homem de se desenvolver. A iniciação significa principalmente iniciação ao mundo dos homens e suas tradições. É um empreendimento coletivo.

Somos preparados por nossos educadores, pais, escolas, etc. para a “luta da vida” como ela é apropriadamente chamada, isto é, somos criados para nos tornarmos parte da civilização, para ajustarmos-nos a condições, a aprender as regras do jogo, e assim por diante. Estou certo de que não preciso dar a vocês exemplos de conflitos, suor e lágrimas associados a essa tarefa. Desenvolver um ego que possa encontrar seu caminho nesse mundo complicado, um ego que possa se afirmar é uma verdadeira dificuldade. Abandonamos a maior parte dos ritos que acompanham esse processo e que o tornariam significativo. Temos, ao invés, de apelar à vontade e ao *insight*. O treinamento da força de vontade e do pensamento racional é considerado os principais meios de

desenvolver o ego. Eles substituem os jogos imagéticos espontâneos da criança, em que a natureza delicia-se na natureza. A natureza agora tem de superar a natureza, o homem tem de usar sua consciência egóica para se tornar um homem.

Nosso mito chega ao fim com o estabelecimento, por Marduk, de uma ordem governada pelo arquétipo do pai. Os ritos de iniciação primitivos também visam fazer com que o indivíduo assuma seu lugar dentro da ordem tradicional, que é o motivo pelo qual essa ordem sobrevive. Os povos arcaicos não têm história; como um povo, não passam por um desenvolvimento, que teria que ter seu ponto de partida em uma reavaliação de sua ordem, em uma luta contra seus tabus. Apesar dos terrores que contém, seu mundo relativamente sadio só é perturbado quando se confronta com emissários do mundo ocidental. O colonialismo e as atividades missionárias foram uma espécie de faca de dois gumes e seus resultados são visíveis no caos que hoje existe na África e na virulência dos problemas raciais nos Estados Unidos.

A luta contra o dragão materno é, em outras palavras, o destino do homem, à medida que o homem tem de adquirir consciência egóica para sobreviver apesar de seus defeitos instintuais, construir seu próprio mundo, sua civilização. Como resultado é expulso da unidade primordial, do paraíso. Daí em diante, tem de confrontar-se com o mundo e os deuses, e tem de conformar-se a eles. Em termos psicológicos, isso significa que, com base na experiência, sujeito e objeto, consciência egóica e inconsciente, foram separados. De um lado, o desenvolvimento do ego é estimulado pelo inconsciente, mas de outro, há o perigo constante de que sucumba à sedução do inconsciente, ao desejo da realidade passiva da unidade. Na primeira fase da infância, a unidade manifesta-se como o arquétipo da Grande Mãe.

Freud denomina isso de *ld*, e o princípio do prazer inerente a ele. Como vocês sabem, Freud também descobriu que aproximadamente entre a idade de três e seis anos, a criança passa pela assim chamada fase edípica. Isso significa que o menino experimenta desejos incestuosos por sua mãe, bem como o desejo de matar seu pai. A menina, por outro lado, começa a rejeitar a mãe de algum modo e focaliza seu amor no pai. De qualquer modo, o pai começa a desempenhar um papel mais importante na vida da criança. O menino é claro, não pode matar seu pai. Ao invés disso, começa a temer que seu pai irá castrá-lo se não abandonar seus desejos incestuosos. Essa é a razão pela qual prefere identificar-se com a proibição do pai e a experiência como sendo sua. O resultado é o desenvolvimento do assim chamado superego, a autoridade moral, o padrão de valores, a crítica e a autocrítica. Em muitos casos, a fase edípica é experienciada nesse nível pessoal. Entretanto, seu significado é sobretudo transpessoal, arquetípico.

Voltemos ao nosso mito uma vez mais apenas. O mundo-pai cósmico recusa-se a ser engolido por Tiamat pela causa da paz na criação e na natureza. Como resultado, Tiamat transforma-se na mãe *terrível* e dá à luz monstros. Por requisição de seu pai, Marduk tem de oferecer resistência. Em outras palavras, uma vez tendo emergido uma forma de ego, mesmo que seja a mais rudimentar, o medo e até mesmo o terror da regressão ou perda do ego é também experienciado. A entrada do paraíso da unidade é guardada por um anjo que carrega uma espada. Mesmo os povos mais primitivos fazem do incesto com a mãe algo sujeito ao mais estrito dos tabus. É considerado o pior dos pecados.

Erich Neumann acredita que, do ponto de vista arquetípico desse estágio, a ameaça e o medo da castração na verdade emanam do mundo materno. A castração, afinal, significa que o homem é privado de sua energia criativa. Frequentemente vemos esse estado de coisas no caso de homens que são devorados pelo complexo materno. Seu ego heróico é castrado, isto é, têm medo da sexualidade, de decisões, e de realizar tarefas masculinas. Normalmente, encontramos tais casos sempre que a mãe é superdominadora, ou quando o pai está ausente da cena familiar. Como na mitologia, é o mundo paterno, o arquétipo do pai, que dá apoio à luta contra o aspecto devorador do inconsciente. Se não há uma figura paterna pessoal que constele o arquétipo do pai que fornece ajuda na psique do menino que está crescendo, o perigo de disparidade no desenvolvimento do ego é muito grande.

Gostaria de ilustrar o que acabo de dizer contando a vocês um sonho. Um jovem com um problema de fragilidade do ego muito óbvio sonhou o seguinte: *“Em um antigo castelo, um grupo de hóspedes estão sentados a uma mesa antiga. Na cabeceira da mesa, senta-se a senhora do castelo, que governava o grupo inteiro, que é mantido prisioneiro. Não havia possibilidade de fugir, uma vez que a senhora do castelo possuía um enorme cachorro que rastrearía e despedaçaria todos aqueles que tentassem escapar. A situação não apresentava nenhuma esperança. As pessoas eram escravas dessa mulher que fazia com elas o que bem entendia. Logo após colocar seu cachorro sobre um jovem, ouve-se alguém bater no portão. A mulher empalidece. Defronte ao portão, estava um homem, e sabia que ele era o único que podia levá-la à justiça”*. Pensei comigo mesmo: há uma outra autoridade, não apenas a da mulher, mas uma que representa a justiça.

O sonho foi um marco importante no desenvolvimento do ego desse jovem. Uma autoridade masculina havia se constelado, que confrontaria o governo exclusivo da mãe e seu cão monstruoso uma autoridade que poderia assegurar a realização da justiça. Na realidade, o jovem tinha sido privado do direito de se autodefender por uma mãe dominada pelo poder. Tinha começado a análise porque tudo que empreendia dava errado. O inconsciente constantemente sabotava-o, e sentia que não tinha direito a ter sucesso na vida. Em situações decisivas, exames, e assim por diante, sempre era tomado por medos tamanhos, que fracassava. Sua possibilidade egóica estava presa no

mundo da Mãe. No sonho, entretanto, uma figura paterna apareceu, que o ajudou em seu direito de escapar da prisão da mãe. Deu-se conta de que o poder da mãe dentro dele era injustificado.

Compreendeu isso, e o conhecimento de que tinha o direito de se desenvolver logo tornou-o ativo na vida real. Em seus sonhos, também, começou a realizar tarefas heróicas; por exemplo, roubou de uma mãe sua filha, e assim por diante.

A batalha do matador de dragões contra a mãe devoradora para desenvolver o ego acontece sob a égide do arquétipo do pai. É uma *opus contra naturam* [ditado alquímico], uma luta contra nossa própria natureza. Mencionamos os ritos de iniciação brutais. Diziam respeito ao autocontrole, à habilidade de concentrar-se, de aprender e de suportar condições adversas. O que se torna decisivo é o “Vós deveis...” e o “Deve-se...”. Os Dez Mandamentos, que começam com “Vós deveis ...”¹, são ordens patriarcais típicas. Sua severidade tem de ser compreendida como um meio de defesa bem definido contra a proximidade ameaçadora da natureza e do mundo materno nos tempos antigos. “*Não terás outros deuses diante de mim*”, significa que não é permitido sucumbir às tentações da deusa da fertilidade, Astarte, Asherat, suas servas, e especialmente seu filho-amante, Baal. O culto a Baal, como vocês sabem, era o pior inimigo do monoteísmo patriarcal judaico. De vez em quando, os profetas tinham que praguejar contra os cultos de fertilidade de Baal, que pertenciam ao domínio matriarcal.

Os anos escolares de nossas crianças são amplamente caracterizados pelas expressões “você tem de” e “deve-se”. A criança tem de ser introduzida lentamente na civilização, aprendendo a saber em que pensar, aquilo pelo que se luta, como se avalia e como se descobre o que há para aprender.

As questões sobre por que algo é efetivamente feito e por que tenho que fazê-lo tomam-se agudas usualmente na puberdade. Devo *eu* fazer e pensar o que é feito e pensado pelos outros?, constitui-se um problema que começa a tornar-se consciente no início da puberdade. E o começo da luta contra o patriarcal, a diferenciação do ego das reações automáticas produzidas pelo mundo dos valores coletivos. Esses processos são simbolizados de modo muito bonito nos mitos gregos das batalhas entre os Titãs

A batalha do herói não é, afinal, empreendida exclusivamente contra o dragão materno da natureza e do caos. A mitologia grega, por exemplo, relata as batalhas dos Titãs, em que Cronos luta contra seu pai Uranos, que ao fim é castrado. Cronos, por sua vez, é desafiado e vencido por seu filho Zeus. A Grécia também marca o começo histórico da cultura européia. Essas batalhas têm outros aspectos. Simbolizam a luta entre ordens sociais diferentes, suas idéias respectivas, e entre hierarquias de valores. Um sistema social bem estabelecido é substituído por outro, e a consciência coletiva é renovada. Visto em termos da história grega, esses mitos também referiam às migrações que tiveram lugar naquela época e o impacto de diferentes culturas umas sobre as outras. No todo; esse processo histórico foi primordialmente caracterizado pela substituição de uma “*Weltanschauung*” por outra, o que às vezes envolvia um grande derramamento de sangue. Alguns tabus ficam pelo caminho, enquanto outros, que usualmente são bastante inconscientes, são colocados em seus lugares.

Penso que exemplos históricos desses processos são bastante óbvios Basta lembrar as guerras travadas em nome da Cristandade, as guerras da Reforma contra a antiga hierarquia católica ou as que foram travadas durante a Revolução Francesa em nome de “*liberté, égalité fraternité*”. Em nossa época, esse mito veio à luz com particular veemência na luta entre as gerações. Em nosso século, o sistema familiar patriarcal estrito começou, é claro, a desintegrar-se gradualmente. O tempo em que o pai sentava-se à cabeceira da mesa e lhe era servida uma comida especial enquanto as crianças observavam silêncio estrito parece fazer parte do passado. E claro que ainda há pais que insistem em impor sua autoridade simplesmente porque são os pais biológicos e porque aos pais tem de se mostrar obediência. Em nossa prática profissional, constantemente encontramos analisando cuja formação egóica foi desparrada por causa do comportamento autoritário do pai. Em geral, o agora coletivo não mais empresta apoio integral a tais comportamentos autoritários por parte do chefe masculino da família. Isso talvez se deva justamente à influência da psicologia moderna (revoltas estudantis).

A luta contra o dragão parece ter se deslocado cada vez mais para o nível coletivo. Constantemente ouvimos falar de revoltas estudantis em todo o mundo. No ocidente, bem como no oriente, a oposição que se manifesta está dirigida contra o assim chamado *establishment*. A meta da luta é a liberdade e a justiça universais. Simpatizamos com os estudantes sempre que se revoltam contra ditaduras, mas em geral nossos sentimentos são mais ambivalentes e algumas vezes são até mesmo totalmente desprovidos de compreensão quando a luta é dirigida contra formas de governo e sociedade democráticas ocidentais. Mas, como disse Winston Churchill, a democracia parlamentar é a forma mais pobre de governo exceto para todos os demais. Qualquer forma de ordem social requer o sacrifício de alguma liberdade pessoal. Nenhuma pode ser justa no sentido verdadeiro da palavra. A luta pelo poder é sempre recompensada, por meios mais ou menos refinados. Parece pertencer à natureza humana. Em qualquer caso, o dragão que os estudantes tentam matar é o assim chamado paternalismo repressivo, que aterroriza a opinião pública mediante a manipulação da imprensa ou interesses empresariais, apesar de isso se dar de modo aparentemente sutil e paternal. Seu argumento é de que o público tem que ser tornado ciente da maneira pela qual a opinião é manipulada com o propósito de reprimir a liberdade sexual e política. Essa aterrorização da opinião

¹Em inglês, “Thou shalt...” [n. do t.]

pública constitui apenas uma projeção do arquétipo do pai castrador ou ela realmente existe? Tomar-se ciente *disso* é, no meu modo de ver, decisivo. Provavelmente, como acontece com todas as projeções, essa também precisa um gancho, como dizia Jung. Algo tem de efetivamente estar presente para provocar a projeção. Sem dúvida, todas essas revoltas simbolizam também uma luta contra o dragão nas regiões paternas - apesar de haver um perigo de que por fim o dragão do caos Tiamat dê a última risada. Pois os objetivos dos estudantes são tão utópicos que ameaçam destruir uma consciência egóica adquirida com muito esforço, submergindo-a na psique coletiva. Seu movimento já se tomou um fenômeno de massas e provavelmente Jung estava certo quando disse que 100 intelectuais [eggheads] formam um cabeça-dura [blockhead]. Eles querem mais liberdade pessoal, mas estão inconscientes do perigo da regressão ao caos e suas consequências.

Por outro lado, essas lutas têm, de fato, o efeito de sacudir a consciência coletiva. Mesmo na Suíça, reformas universitárias há muito tempo adiadas foram subitamente Intensificadas. Ademais, esse palpito um tanto genérico de que algo está errado também pode sacudir as pessoas de sua apatia induzida pela prosperidade.

Para a aquisição de uma consciência egóica independente, a revolta contra o sistema patriarcal estabelecido é altamente necessária. Entretanto, a psicologia analítica preferiria sustentar a visão de que essa luta deveria ter lugar em nível individual, isto é, no nível psíquico interno, ao invés de se tornar um fenômeno de massas perigoso, que constitui uma regressão e solapa a expansão da consciência individual.

Em termos psíquicos, a castração do pai significa tornar-se ciente da consciência coletiva transmitida pelo mundo paterno e por meio disso livrar-se de seu efeito autônomo.

Heidegger fala de pessoas que dedicam rezas à pequena palavra “um” [one]. Separar-se do pai, portanto, significa defrontar a questão de se *eu* devo efetivamente fazer e pensar o que *se* [one] pensa e *se* faz. Em outras palavras, tenho de diferenciar-me do “se” [one], isto é, cessar de me identificar com o “um” [one].² Os ritos de iniciação dos primitivos conduzem ao mundo do “um”. Têm por objetivo preservar a efetividade da ordem coletiva no indivíduo, capacitá-lo a tornar-se suficientemente forte para suportar os tabus e as restrições impostos aos instintos pelo “um”. Entretanto, com os primitivos, o aspecto individual ainda não foi desenvolvido. Os tabus coletivos são considerados válidos e obrigatórios. Desde os tempos antigos, a luta do dragão contra o pai tem sido um fenômeno sempre recorrente.

A abordagem mais individual à vida, em nossos tempos, toma cada vez menos auto-evidente que um filho tenha de, sob qualquer circunstância, seguir os passos de seu pai, que seja, por exemplo, seu dever inescapável continuar os negócios da família. O ponto de vista do próprio filho é levado em consideração de modo muito mais amplo. O conselho vocacional tem por meta assegurar que os dons e inclinações de um indivíduo sejam usados de modo adequado. O desenvolvimento de um ego independente, que intenciona diferenciar-se das visões e valores do mundo paterno, está se tomando cada vez mais importante. Há sintomas exteriores indicando que a necessidade da luta contra o dragão paterno está se tornando mais geralmente reconhecida e consciente.

Nosso ego é, portanto, o produto de uma batalha, razão pela qual o herói é um símbolo apropriado a ele. O resultado dessa luta é que o ego pode colocar-se contra o mundo das inclinações, instintos e fantasias de um lado e do outro, contra os padrões de avaliação coletivos que têm sido aceitos inconscientemente. Essas áreas mais ou menos representam o que Freud chamou de *id* e *superego*, contra os quais o ego tem de se defender. O mundo materno tem, sobretudo, um aspecto sedutor, enquanto o mundo paterno é padronizador e proibitivo. O arquétipo da Grande Mãe seduz o homem a cometer incesto, a fundir-se com a mãe, e leva à dissolução da consciência egóica. O pai proíbe o incesto e assim dá apoio na luta contra o inconsciente. A batalha contra Tiamat, que quer envolver e devorar a consciência, que ela própria deu à luz, para obter paz e quietude é travada sob os auspícios do arquétipo do pai. Para o desenvolvimento do ego, o complexo de Édipo observado por Freud adquire, assim, um significado transpessoal. O pai impede a tentativa de incesto e, portanto, dá surgimento ao desejo de matar o pai. Se o pai realmente fosse morto nesse nível, o ego ainda não desenvolvido ficaria cativo do mundo instintivo do inconsciente e de um complexo materno inevitável. Nessa idade, isto é, entre 3 e 6, o pai só pode ser morto, por assim dizer, se a mãe pessoal der uma mão, dominando indevidamente a vida da família e o pai. Em qualquer caso, sem o pai e o princípio do logos a ele relacionado, a luta contra o mundo materno e contra a tentação de permanecer inconsciente, de permanecer passivo e seguro, não terá sucesso.

De acordo com Freud, o pequeno herói, isto é, o menino, não tem sucesso em matar seu pai. O problema é superado pela introjeção da interdição paterna ao incesto e de sua ameaça de castração. O pai torna-se uma autoridade interior na forma de *superego*. *Freud vê esses estágios de desenvolvimento de um ponto de vista pessoal: é o pai pessoal que é introjetado.* A proibição do pai se torna pessoal, uma proibição interna, e como resultado, o pai se toma um fator psíquico.

Concordaríamos com Jung, dizendo que o incesto significa, sobretudo, a submersão da consciência egóica no inconsciente no nível arquetípico, que pelo menos temporariamente aprisiona o desenvolvimento do ego e, portanto, representa uma regressão. O indivíduo só pode ser protegido contra isso por meio das energias fornecidas pelo arquétipo do pai, que não permitirão que o incesto se realize. A luta contra o inconsciente e por um

² Em inglês, “one” pode ser usado como numeral e como pronome. [n. do t.]

desenvolvimento ulterior só pode ser recompensada sob sua égide. O desenvolvimento do ego é, em outras palavras, investido, por natureza, de um certo tipo de energia. O homem tem de se desenvolver a ser humano. Começando com o assim chamado período de latência, isto é, com a idade de 6 ou 7, o arquétipo do pai assume um papel de destaque tanto na vida de meninos quanto de meninas, pelo menos em nossa sociedade. Ele fornece a energia necessária para o desenvolvimento ulterior do ego.

O jogo imagético da criança e suas atividades lúdicas não direcionadas, em suma, seu jeito infantil de ser, que é produto espontâneo do inconsciente - gradualmente retrocedem para segundo plano. A criança entra para a escola e começa a ter mais ou menos prazer em aprender. Tem que aprender a pensar, a concentrar-se, a dirigir sua atenção a assuntos específicos, etc. A ela lhe são fornecidas os fundamentos para pensar sobre nossa civilização e para absorvê-la. Tem de trabalhar, fazer temas de casa, medir-se com outros e ajustar-se à situação de sala de aula. Está envolvida em uma luta constante contra o princípio do prazer, que muitas vezes a levaria a preferir outras coisas à assistir aulas regulares. É uma luta contra a assim chamada preguiça. A preguiça é um incentivo terrível para qualquer um que esteja em idade escolar. Normalmente, o prazer de aprender e desenvolver-se supera a resistência colocada pelo princípio do prazer. E claro, a criança tem de ser encorajada a trabalhar, tanto pelos professores quanto pelos pais. Entretanto, no todo, a energia, o Interesse e o prazer de aprender predominam. Essa energia é fornecida pelo princípio do logos, o arquétipo do pai.

CONFERÊNCIA III

Senhoras e Senhores,

Estivemos discutindo dois tipos diferentes de mitos de heróis. Como um exemplo da luta do herói contra o dragão materno, referi o mito de criação babilônio, o “Enuma elisch”, onde Marduk, o filho do deus da sabedoria venceu a batalha contra o dragão-Caos materno, Tiamat. Ao final desse mito, o mundo é criado e governado pelos deuses cósmicos paternos. Psicologicamente, isso significaria que o desenvolvimento do Ego após os conflitos da fase edípica é regrado principalmente pelo arquétipo do pai. A criança tem que ser educada, tem que crescer lentamente para o mundo da civilização, com suas leis e distribuições de valores. Para esse fim, há uma energia psíquica progressiva, um certo desejo na criança de aprender coisas e alcançar uma certa independência. Mas há também uma constante luta contra o princípio do prazer e contra a preguiça. Em certo grau, uma autoridade externa por parte de pais e professores é necessária. A criança tem que ser encorajada e também controlada. Os deuses cósmicos paternos - em termos psicológicos, a energia do princípio do logos - têm que ser alimentados pelos humanos, como diz o mito.

O segundo tipo de mitos nos conta sobre a luta do filho contra o pai. Mencionei os mitos gregos dos Titãs, a luta de Cronos contra seu pai, Uranos, ou a batalha entre Zeus e seu pai Cronos.

Em geral, a luta contra o dragão paterno torna-se um problema virulento apenas durante a puberdade. Até então, o mundo dos valores fornecido pela escola e pela educação permanece intacto. E tomado como certo. As crianças sempre, é claro, rebelam-se de tempos em tempos, mas como regra é porque não querem obedecer, aprender ou fazer algum esforço. Esse tipo de rebeldia está, em geral, ainda conectada com o conflito entre as exigências da civilização e as da natureza. Os valores do mundo paterno não são questionados ainda, e não são, portanto, um problema consciente. Apenas quando o poderoso despertar da sexualidade e as fantasias associadas a ela irrompem ao período relativamente pacífico de latência, é que a própria existência e os valores que se aceitaram tornam-se problemáticos. É um período novo e crítico de lidar com as coisas. A posição do ego na tensão entre as exigências instintivas e morais é conscientemente refletida apenas nesse estágio. Além disso, as atitudes coletivas em relação à vida e à hierarquia de valores são reavaliadas criticamente. Quanto às últimas, ou tornam-se relativas ou são completamente desvalorizadas. O pai pessoal também é objeto de fortes críticas. Essa é uma fase muito importante na luta arquetípica entre o herói e o pai.

É interessante ver como, nessa fase, o arquétipo da mãe, a natureza instintiva, é agora de grande ajuda nessa luta. Em última análise, a natureza é responsável por consumir o processo de maturação sexual, dando surgimento a uma nova forma de consciência. Nos mitos gregos sobre a luta do filho contra o pai, é sempre a mãe que movimenta os filhos na luta contra o pai, ela os ajuda ao longo do processo. No caso desse tipo de herói, é sempre o pai que não os permitirá viver. Uranos esconde seus filhos sob a terra para evitar que vejam a luz do dia, e Cronos engole seus filhos. Isso, é claro, contraria a natureza materna, que quer que a vida prossiga. Por essa razão, ela informa as crianças das intenções de seu pai, e ao fim há sempre um herói que está preparado para assumir a batalha contra o pai. Ela é que esconde o recém nascido Zeus de Cronos, que devora todos seus filhos no nascimento. No lugar de Zeus, ela lhe dá uma pedra, que após ser devorada, desperta-o de um modo tal que Zeus é então capaz de derrotar seu pai e estabelecer seu próprio reinado.

Em termos psicológicos, isso significaria que é o inconsciente, a sabedoria da natureza, que transmite o conhecimento concernente ao lado negativo do patriarcado. Em muitos casos, a tendência *natural* do homem de se desenvolver exige o afastamento do pai, sem o qual o desenvolvimento ulterior do ego não pode ocorrer. Para começar, o conhecimento sobre a dubiedade dos valores que nos são transmitidos é resultado de inúmeras inspirações espontâneas. Sem dúvida, a maior parte de vocês lembra-se de como as idéias subitamente amoleceram quando vocês estavam no final da puberdade. Espontaneamente, temos *outras* idéias, que subitamente tornam questionáveis tudo o que até então era tomado como certo. Grandes poetas ou filósofos muitas vezes têm novas idéias e novos valores com base nas inspirações do inconsciente. Muitas vezes, é claro, estímulos externos também contribuem para tais novas idéias; enquanto lemos um livro, às vezes temos a impressão e que certas coisas subitamente encaixam-se em seus lugares. A influência do grupo em que um jovem se encontra também pode reforçar o conflito com o pai. Em qualquer caso, há uma predisposição interna nessa idade para constelar novas idéias.

O herói usa seu conhecimento recentemente adquirido para afirmar e estabelecer seu próprio reino, para ganhar tanto controle quanto possível. Na vida, é apenas quando tanto a fé na autoridade e o medo da autoridade lentamente decaem que o ego pode andar com suas próprias pernas, que pode encontrar seu ponto de vista, a partir do qual pode colocar as coisas de acordo com sua própria natureza.

Essas duas lutas, que estão representadas na mitologia, são parte das fases arquetípicas do desenvolvimento da consciência egóica humana. Havia descrito duas fases

-da vida durante as quais essas lutas são particularmente violentas, nomeadamente a fase edípica e a puberdade. Na verdade, formam uma parte quase constante da luta pela vida, até que o ego tenha se tornado tão firme que, durante a segunda parte da vida, possa começar a focalizar-se cada vez mais sobre o Self. Até aqui, demos mais atenção à descrição da luta ativa, ã ofensiva. Entretanto, as batalhas e lutas também envolvem defesa. Essa é a razão pela qual Freud fala de um mecanismo de defesa do ego. Sempre que ele se esconde demais atrás da linha de defesa, ao invés de batalhar com o id e o superego, permanece fraco e neurótico. Essa foi a descoberta mais básica e importante de Freud; voltarei a ela depois. Sempre, portanto, associamos ao conceito de ego as idéias de luta e de desenvolvimento com base em um conflito. Os opostos, natureza e cultura, são expressos simbolicamente por tudo aquilo que é maternal e paternal; são caracterizados pelos arquétipos da mãe e do pai. Não é preciso dizer que a mãe e o pai pessoal não sejam idênticos ao que descrevemos -como materno e paterno. Em geral, o arquétipo da mãe é -evidentemente experienciado mais por meio da mãe e o arquétipo do pai mais por meio do pai. Entretanto, algumas- vezes, a psicologia do animus e da anima dos pais pode inverter completamente a situação, o que, é claro, também freqüentemente leva a complicação no desenvolvimento de uma pessoa. Voltaremos a tais problemas práticos mais adiante.

Uma vez que falamos bastante sobre o ego heróico, que tem de lutar contra o pai e a mãe arquetípicos, vocês provavelmente pensaram de modo bastante inadvertido apenas sobre o desenvolvimento do ego masculino, isto é, sobre a consciência egóica de um jovem. O desenvolvimento do ego feminino ainda está para ser discutido. Nossos mitos referem-se, de fato, a uma cultura predominantemente patriarcal, na qual o espírito masculino ganhou controle e cada vez mais desvalorizou o feminino. Na Grécia, essa constelação prevaleceu desde o começo dos tempos históricos. Durante todos os séculos, até aproximadamente 100 anos atrás, a mulher desempenhou um papel muito minoritário na história da civilização. Elas eram em geral donas da casa e do lar; deviam cuidar das crianças. Podemos imaginar, portanto, que o desenvolvimento do ego feminino era extremamente fragmentário. De uma mulher, esperava-se principalmente que preenchesse seu papel como esposa, mãe e filha, atendo-se à sua natureza. Sua iniciação visava sintonizá-la com seu papel como esposa e mãe. Permanecia mais ou menos aprisionada no arquétipo materno originário, e tinha de lutar duramente contra quaisquer esforços para desenvolver seu ego. -O homem fazia dela parte de seu cosmos e atribuía-lhe um lugar específico. Ela aceitava esse papel mais ou menos passivamente e tomava-o como certo.

Apenas há aproximadamente 100 anos, a- luta pela emancipação da mulher tomou uma forma ativa. As assim chamadas *suffragettes* daqueles tempos tinham a intenção de transformar os valores e as atitudes coletivas tradicionais. Essas mulheres apresentavam um ego de herói, como Cronos, que queria castrar o pai destruindo seu governo sobre a sociedade. Essa batalha; entretanto, tem de ser precedida da batalha contra Tiamat, o princípio natural materno que está bem enraizado e que está em busca de paz. Desde o assim chamado Iluminismo, algumas tentativas têm, de fato, sido feitas para questionar a sujeição natural da mulher ao arquétipo materno. Também houve alguns exemplos de mulheres famosas, como Madame de Stael e outras, que tinham uma apreensão muito boa do pensamento racional. A razão, *la raison*, era, de fato, representada como uma deusa e não um deus, durante a Revolução Francesa. A idéia da emancipação das mulheres estava no ar, ao que parece, já naquela época. Mas as *suffragettes* identificaram-se com o princípio masculino, querendo que as mulheres fossem como *homens* e não apenas estivessem em seu próprio direito como mulheres. As *suffragettes* do começo do século lutaram com armas masculinas, -causando distúrbios no parlamento inglês, e organizando demonstrações e greves de fome em prisões em favor da igualdade política. Hoje, as mulheres alcançaram essa igualdade em certa medida. Depois da Primeira Guerra Mundial, ainda havia professores em Berlim que deixariam o auditório se por acaso encontrassem alguma jovem entre o público assistente (o caso de Renate Zinn).

Entretanto, essas novas condições também acarretam problemas correspondentemente maiores para as mulheres. Para a menina, igualmente, o assim chamado período de latência, entre a idade de seis e o início da puberdade, é dominado pelo arquétipo do pai. Ela tem de aprender, trabalhar e concentrar-se do mesmo modo que um menino. Exceto por pequenas diferenças, os programas escolares são os mesmos para meninos e meninas. A menina também tem de separar-se da mãe. Sua feminilidade só lhe faz novas exigências com o início da menstruação e da maturidade sexual. É aí que ela tem de se tornar consciente e aceitar o fato de que é uma mulher e que está biológica e psicologicamente relacionada à natureza de um modo totalmente diferente do que o homem. Inicialmente, o desenvolvimento da consciência envolve um certo grau de auto-alienação para as meninas. Esse conflito torna-se agudo pela primeira vez durante a puberdade. Há, nesse estágio, a possibilidade de regredir ao mundo materno. Nesse caso, o desenvolvimento do ego pára, e a menina tenta funcionar como uma filha, uma esposa ou uma mãe, como uma pequena fêmea puramente de acordo com sua natureza. Estar presa no mundo materno não é, entretanto, tão devastador para uma mulher quanto para um homem, pois pode existir nele em harmonia com seu sexo, mesmo que possa não ser capaz de realizar sua própria individualidade. Ela também pode casar, mas se tornará a mãe amorosa de seus filhos muito mais do que a companheira de seu marido.

Outra possibilidade para a menina adolescente é negar sua feminilidade que está despertando e rejeitá-la. Essa alternativa, evidentemente, também perturba o desenvolvimento ulterior -do .ego e o necessário processo de encontrar sua própria identidade. Nesse caso, fica presa no reino dos deuses paternos e continua a identificar-se

com o herói Marduk, que solta os ventos contra o princípio materno, diferenciando-o com a espada da discriminação. Como resultado, desenvolve uma psicologia negativa do animus. Seu ego identifica-se com o animus e o resultado é uma espiritualidade que não lhe é *própria*, mas consiste em opiniões inconscientemente adquiridas que expressa com um criticismo agressivo. É incapaz de encontrar sua identidade feminina e tem enormes dificuldades nos seus *relacionamentos* como sexo masculino. Os relacionamentos na forma de participação no mundo e no destino de outras pessoas, isto é, Eros, de um lado, e consciência discriminadora crítica, Logos, de outro, são, afinal, opostos. Eros relaciona, e Logos separa e diferencia. A possessão pelo animus, portanto, mina a função feminina de criar relações. Muitos contos de fadas apresentam uma situação em que uma menina está vivendo com seu pai, e é aprisionada por ele. Por exemplo, em Turandot, Rei Drosselbart, Allerleihraut, Rumpelstilzchen. Em vários casos, ela rejeita todos seus pretendentes. Usualmente, um herói tem que redimi-la. Ela própria não luta contra o pai. Sua tarefa consiste, em geral, em abrir-se ao herói vitorioso, que então a desposa e leva-a para longe do pai. Isso significa que um encontro amoroso com um homem pode quebrar o feitiço. Entretanto, o impacto do homem tem de ser mais poderoso do que o do mundo paterno que a aprisiona. Quase toda jovem espera por esse encontro, mesmo que inconscientemente, não importando quão forte possa ser a sua possessão pelo animus. Na análise de tal problema, uma forte transferência ao analista, que é muitas vezes combatido e mantido à distância por um longo tempo, oferece a melhor oportunidade para um desenvolvimento ulterior. É um fato bem conhecido que o amor torna uma mulher feminina e constela sua natureza feminina. Em nível-subjetivo, ela tem de aprender a diferenciar seu ego feminino do arquétipo do pai, e para esse fim uma nova experiência com um parceiro masculino pode ajudá-la. Ela experiencia-se como mulher *vis-à-vis* o parceiro masculino e estabelece um relacionamento com ele. O mesmo é verdade no nível do sujeito. Um *relacionamento* com o animus tem de ser estabelecido, de modo que ele possa contribuir para o seu futuro desenvolvimento. O ego feminino tem de ser redimido de sua possessão pelo animus paterno, tem de parar de se identificar com ele de modo a capacitá-la a estabelecer, ao invés, *relacionamentos* com seu lado masculino. Ela deveria conhecer o animus, que em si lhe é útil, de tal modo que ele não se torne um obstáculo para seu desenvolvimento ulterior. Mas com isso colocamos nosso nariz em uma ninho de marimbondos, cheio de problemas complexos, que não têm como ser lidados neste contexto. Jolande Jacobi publicou um livro sobre *Women's Problems and Marriage Problems [Problemas de mulheres e problemas matrimoniais]*, e Esther Harding, bem como Erich Neumann, também escreveram sobre esse assunto, caso vocês estejam interessados em saber mais a respeito.

Mas voltemos à nossa questão original: Por que Jung definiu o ego como um complexo? Tentamos inspecionar o núcleo arquetípico do complexo egóico. Vimos que tem uma energia autônoma à sua disposição, que o capacita a cristalizar-se fora do inconsciente. Na mitologia, isso é representado pelo símbolo da batalha. Ao descrever o núcleo arquetípico, entretanto, tivemos de referir várias vezes o mundo exterior, à experiência exterior da mãe, do pai ou do parceiro, etc. É impossível imaginar um ego que não tenha tido experiências pessoais. O ego é precisamente o que torna a experiência consciente possível; isto é, o núcleo arquetípico tem de ser aumentado pela experiência pessoal de modo a tornar-se um complexo.

Freud originalmente supôs que o ego era meramente um produto do conflito entre as inclinações e as frustrações parciais do meio ambiente. É produzido apenas secundariamente pelo conflito com o ambiente. Heinz Hartmann, que especializou-se em investigar o ego e suas funções do ponto de vista psicanalítico, foi o primeiro a atribuir uma qualidade específica ao desenvolvimento do ego. Disse que podemos falar de um fator autônomo no desenvolvimento do ego, do mesmo modo como consideramos as inclinações como forças autônomas que determinam o desenvolvimento como um todo. Vários dos ensaios de Hartmann são muito interessantes e informativos e nos ajudam a obter uma melhor compreensão do ego. Gostaria de recomendar seu livro: *Essays on Ego Psychology [Ensaio sobre a Psicologia do Ego]* (New York, 1969)

Vários casos trágicos ilustram o que acontece quando o desenvolvimento do ego fica completamente privado do contato com o ambiente humano. Nesse contexto, estou pensando nas crianças-lobo de Midnapore. Alguns de vocês podem estar familiarizados com essa história. Baseia-se no diário de um missionário chamado L. Singh, que descobriu duas crianças indianas que tinham crescido entre os lobos.

Os nativos que viviam na área informaram Singh que um espírito humano tinha sido visto na selva. Dizia-se que esse espírito tinha os membros de um humano, mas a cabeça aterrorizadora de um espírito. Singh, junto com vários outros homens, então observaram através de binóculos a toca dos lobos, onde o espírito tinha sido visto, e viu que havia duas crianças entre os lobos (Singh, p. 31). Ele queria libertar as crianças atirando nos lobos. Para tanto, precisava de ajuda, mas na aldeia em que o espírito tinha sido avistado, ninguém estava disposto a assisti-lo. Todos estavam com medo. Por fim, conseguiu mobilizar as pessoas de uma aldeia que ficava a algumas milhas de distância, onde nada se sabia sobre o espírito. Trouxe as crianças para sua casa, onde ele e sua esposa cuidavam de outros orfãos. Singh queria dar às pobres criaturas uma educação cristã. Calculava que as meninas tinham 8 e 11-12 anos idade. Escreve que eram incapazes de caminhar eretas. Só comiam carne crua e bebiam leite cru. Sempre que outras crianças se aproximavam, mostravam os dentes e as atacavam, rosnando. E claro, não eram capazes de falar. A noite, conseguiam enxergar melhor que de dia e sua audição e olfato eram extraordinariamente bem desenvolvidos. Sempre que um animal ou pássaro morto estava jogado em algum lugar, elas iam ao local

imediatamente, jogavam-se sobre ele e o devoravam, sem que ninguém fosse capaz de evitar que o fizessem. Eram totalmente insensíveis ao calor e ao frio. Quando, no inverno, roupas lhes foram vestidas, rasgaram-nas com os dentes. Conheciam o fogo e o evitavam, com medo. A noite, eram extraordinariamente corajosas. Em suma, tinham se ajustado ao modo de vida dos lobos muitíssimo bem. E comovente a tentativa do missionário Singh de transformá-las em seres humanos. Ele descreve isso em seu diário. A mais jovem morreu pouco depois de um ano. A mais velha continuou vivendo por mais nove. Seu nome era Kamal& Singh descreve como o comportamento de Kamala gradualmente alterou-se. A primeira coisa foi a manifestação de afeição para -com -sua esposa, que a alimentava. Além disso, Mrs. Singh a massageava todos os dias, o que também estabeleceu uma relação. Por fim, Kamala também aprendeu a dizer algumas palavras, vestir roupas e viver em uma comunidade humana. Ela até ia à igreja, para o encanto de Singh, e desfez-se de seus hábitos animais.

Entretanto, -seu desenvolvimento permaneceu rudimentar. Nunca foi capaz de caminhar sobre duas pernas por muito tempo, seu vocabulário permaneceu mínimo e era incapaz de sobreviver.

Uma das observações de Singh foi muito interessante. Em certo estágio da humanização de Kamala, os cachorros subitamente latiram para ela, como o fariam para qualquer outra criança& Originalmente, os cachorros aparentemente a tinham considerado como igual a eles. Isso lembra a figura de Enkidu na saga de Gilgamesh. Endiku era dois terços animal e um terço humano. Por essa razão, compreendia a linguagem dos animais. Entretanto, tendo sido seduzido por uma prostituta sagrada, uma hieródula da deusa Ishtar, subitamente cessou de entender a linguagem dos animais. Os animais sentiram-se estranhos com relação a ele e mesmo hostis, e ao fim não teve outra escolha senão juntar-se à companhia dos humanos, especialmente da de Gilgamesh, que era dois terços divino e um terço humano Juntos, realizaram feitos heróicos. Esse mito, igualmente, descreve o processo do desenvolvimento do ego. Singh observou o mesmo processo de separação do estado animal em sua pupila.

Adolph Portmann, o biólogo, escreveu uma introdução ao diário. Ele parece concordar com outros cientistas, dizendo que a criança mais moça teria de ter mais de dois anos de idade antes de ter começado a viver com os lobos. A integração na sociedade animal tem de ter acontecido entre uma idade mínima de 2 e uma idade máxima de 6. Aparentemente, é mais concebível que uma criança que tenha sido *desmamada* possa crescer *dessa* maneira. Há vários outros relatos de crianças que foram abduzidas por lobos e que então foram criadas por eles. Entretanto, ninguém mais manteve um diário t~o preciso sobre o comportamento de tais crianças. De acordo com Portmann, o diário prova claramente: 1. “que a fase inicial da vida da criança, isto é, até a idade de quatro, está sujeita a transformações fáceis e é muito aberta. Isso, entre outras coisas, é mostrado pelo fato de que nossa coluna vertebral toma sua postura típica apenas após essa idade, sob condições normais. 2. Prova que apenas o contato pleno com a sociedade ao longo de muitos anos, e a integração com o grupo tomam possível para o homem tomar-se seguro em seus relacionamentos com o mundo, em seu uso da linguagem, de gestos, da imaginação e do pensamento.” Isso aparentemente *confirma* a necessidade de uma infância longa como premissa indispensável para uma existência humana plena. Qualquer retardo na maturidade sexual também tem de ser visto nesse contexto. Assim é para Portmann.

Apenas estabelecendo-se experiências pessoais em um ambiente humano, pode o ego tomar-se um complexo forte. Ele toma-se cada vez mais fechado em seu mundo pessoal, experienciando a mãe, o pai, o professor, irmãos e amigos em seu modo próprio e específico. Cresce com base nessas experiências pessoais. Vive em sua situação específica, e experiencia e lembra sua história de vida pessoal em certa medida. Sente suas próprias necessidades, temores e conflitos. Também relaciona-se com seu próprio corpo e tem sensibilidade corporal. Em outras palavras, separa-se de seu pano de fundo arquetípico e toma-se o centro e, ao menos, o organizador presumido do aspecto pessoal da vida Em certo grau, eu sou, meu ego é, também o organizador de minha vida pessoal. A psicologia do inconsciente nos ensinou, por outro lado, em que medida somos freqüentemente manipulados quando pensamos que somos nós mesmos os manipuladores. Além disso, cedo tomamo-nos dolorosamente cientes dos limites que são colocados tanto pelo mundo externo quanto pelo interno no que tange à organização independente de nosso ego. Entretanto, o ego não cria uma área para si, dentro da qual esteja mais ou menos livre para tomar suas próprias decisões. “O homem propõe, Deus dispõe”, diz um provérbio muito significativo. Mas o homem tem, de fato, que propor, isto é, pensar, e esse reino é deixado para seu ego.

Para Jung, o ego é, assim, um “complexo de idéias que constitui o centro da área da consciência. É o pré-requisito para o pensamento, o sentimento e o agir conscientes. E caracterizado por um alto grau de continuidade e identidade com si próprio.” São essas duas características - continuidade e identidade com si próprio - que temos de discutir agora. A continuidade é garantida principalmente pelo que chamamos de memória. Para todas as coisas que faço no contexto cultural, tenho de me lembrar do que fiz ontem, de modo a ser capaz de continuar hoje do ponto em que parei ontem. A memória, mais do que qualquer outra coisa, enriquece o ego com experiências de vida, com aprendizagem. Talvez se possa também chamar “a relacionalidade dos conteúdos psíquicos com o ego” -na formulação de Jung - de *memória* Lembro de certas experiências, pensamentos, conteúdos, e, com base nisso, muitas vezes tomo decisões em novas situações. A memória também me capacita a estar ciente de vários conteúdos simultaneamente, e compará-los uns aos outros. Então, tomamos nossas decisões com base em uma “séria reflexão”, como se costuma dizer. Todos os conteúdos que não podem ser alcançados por minha memória são, ao

menos momentaneamente, inconscientes. Todos vocês sabem que conteúdos reprimidos que possam enfraquecer consideravelmente a consciência egóica não podem ser lembrados, isto é, foram abandonados por nossa memória. A análise freudiana consiste principalmente em relembrar conflitos desagradáveis, em reconectá-los à memória de modo a sermos capazes de trabalhá-los conscientemente.

Agora surge outro problema. Acabei de dizer que tenho de lembrar o que *fiz* ontem para ser capaz de continuá-lo hoje. Entre ontem e hoje, passei a noite dormindo. Tão logo caio no sono, a consciência egóica cessa de ser operante. Não mais penso, sinto ou ajo conscientemente. Durante as fases REM (rapid eye movement - movimento rápido dos olhos), quando sonhamos, há um tipo de ego, subjetivamente falando. Mas, mesmo subjetivamente, não há mais ego quando caio em um sono profundo e sem sonhos. Contudo, a continuidade é preservada, uma vez que, ao acordar na manhã seguinte, estou novamente consciente de minha própria pessoa e do que eu fiz ontem. O ego, portanto, também parece existir de alguma forma fora de minha esfera de consciência. Em sonhos, o ego é um fenômeno completamente diferente e altamente interessante, e neste contexto gostaria de referir o artigo de Sonja Marjasch, publicado na edição de 1966 da revista *Spring*, intitulado “The ‘I’ in Dreams” [“O ‘eu’ em sonhos”]. A experiência tem mostrado que quando os analisandos lembram e contam um sonho, muitas vezes se identificam com as ações que nele acontecem, etc. Isso parece ser menos o caso com outros aspectos do sonho. O problema da responsabilidade moral pelas ações e pensamentos do ego em sonhos foi um assunto um tanto desesperador mesmo para Santo Agostinho. De acordo com o que escreveu em suas *Confissões* (10, 30), coisas eróticas, que rejeitava na vida desperta, não apenas o levavam, durante seu -sonho, a experimentar prazer, mas quase à aprovação intencional, e mesmo à ação. Foi por isso que perguntou-se: “Senhor, meu Deus, não sou eu o mesmo nessas ocasiões? Na verdade, o momento- em que passo da vigília ao sono e do sono à vigília dá surgimento a uma grande diferença entre eu mesmo e eu mesmo. Durante o sono, o que acontece à razão, com a qual uma pessoa em vigília pode se defender de tais sugestões, e por meio da qual permanece firme, sempre que uma tentação assume a forma de carne e sangue? A razão desaparece quando fechamos os olhos? Como é possível que freqüentemente resistamos mesmo em nosso sono e, tendo em mente nossa intenção de permanecer puros, recusemo-nos a aprovar as tentações feias? Contudo, a diferença é tão grande, que, mesmo se não somos capazes de resistir, recuperamos nossa paz de consciência ao acordar, e em vista dessa diferença, dizemos a nós mesmos que não fomos *nós* os que fizeram o que de algum modo aconteceu *em nós*, para nossa maior lástima.” Santo Agostinho chega à conclusão correta de que não podemos assumir qualquer responsabilidade direta pelas ações do ego no sonho.

Entretanto, o ego no sonho parece atestar uma certa continuidade do próprio ego durante o sono. O ego no sonho está muito próximo do ego em vigília, e enquanto lembra ou conta um sonho, uma identificação espontânea do ego que está despertando com o ego que sonhava usualmente acontece. Esse fato pode ser usado terapêuticamente quando se interpreta um sonho. Em minha experiência, as discussões de sonhos são muito produtivas e esclarecedoras, se usa o comportamento do ego no sonho como um ponto de partida. Muitas vezes a questão “O que você pensa sobre seu comportamento nessa situação no sonho?” faz surgir o tipo de reflexão que estimula o processo de consciência. Entretanto, no sonho, o comportamento de meu ego está além de meu controle. Se, na vigília meu ego sente que tem de organizar minha vida, *e/a está* organizada no sonho, mesmo se ele está ativo. O comportamento do ego no sonho “acontece em nós”, como observou corretamente Santo Agostinho, O sonho não é arranjado pelo ego consciente, mas por outros fatores inconscientes. O sonho, mais do que qualquer outra coisa, prova claramente que o complexo egóico é apenas uma parte da psique total. Mas na totalidade da psique, o ego é responsável por uma boa extensão de continuidade.

A questão altamente importante sobre a responsabilidade do ego, que surgiu em conexão com Santo Agostinho, será discutida em um estágio posterior.

Primeiramente, ainda temos de descobrir o que exatamente Jung quis dizer quando falou do alto grau de identidade do ego consigo mesmo. A identidade do ego consigo mesmo obviamente contrasta com a famosa identidade inconsciente, a *participation mystique*. No caso da *participation*, sujeito e objeto são indiferenciados; são parte da condição primordial, tal como acontece com os bebês antes do começo do desenvolvimento do ego, ou entre os povos arcaicos. Como Jung salienta com relação à identidade inconsciente, “mesmo os adultos têm o preconceito ingênuo de que a psicologia de uma pessoa é idêntica à de outra, de que todos têm os mesmos motivos, de que o que me é prazeroso também o é para os demais, de que o que é anti-ético para mim, também o é para os outros, etc.” (Jung, *Psychological types*, p. 597) À medida que a consciência egóica se desenvolve, essa identidade inconsciente cessa. Distingo-me dos objetos e identifico-me com o sujeito. A consciência separa, delinea e diferencia o reino dos objetos do reino dos sujeitos. Em outras palavras, há uma linha de fronteira [borderline] entre esses dois reinos, a diferença entre eu mesmo e o mundo externo. No interior dessas fronteiras, o ego está em harmonia consigo próprio. No reino físico, a linha demarcatória é precisa. Como ser físico, estou encerrado em mim mesmo e os limites são formados por minha pele. Mesmo no nascimento, a criança tem um corpo único em si, com certas características específicas, que lhe permitem ser distinguido dos outros. No reino da psique, a consciência primeiro tem de crescer. Pode-se dizer que tem de adequar-se ao corpo, identificar-se com ele, de tal modo que um sentimento de ego possa ser desenvolvido. Em geral, as crianças aprendem isso lentamente, por meio

de experiências dolorosas, chocando-se, por exemplo, onde estiverem os limites de seus corpos. Descubrem onde está a linha de fronteira entre elas e o mundo exterior.

A identidade do ego consigo mesmo, em outras palavras, baseia-se amplamente no sentimento consciente de meu corpo e no conhecimento de como eu pareço. Isso significa que tenho de ser capaz de .me reconhecer vez por outra em um espelho ou . em uma fotografia. Tenho de aprender que esse sou eu, e não minha mãe. E por isso que em sonhos, igualmente, o reconhecimento de si mesmo no espelho simboliza uma consciência crescente dos contornos e características específicas de si próprio. Um ego adequar-se perfeitamente ao corpo não é algo que aconteça por conseqüência natural. Na psicoterapia, problemas nessa área são uma legião. A rejeição da própria forma física muitas vezes acarreta um não estar à vontade no próprio corpo, e tende a enfraquecer o ego notavelmente. Isso me lembra de uma paciente, que tinha uma compulsão de constantemente olhar-se no espelho, só para, a cada vez, achar-se feia e distorcida. Ela então imediatamente desenvolvia uma dor de cabeça, e dificilmente ousava misturar-se com outras pessoas, uma vez que *todas* sem dúvida notariam o quanto ela era repulsiva. Seu ego constantemente tinha de se identificar, olhando-se no espelho. A opinião irreal, devastadora de si própria, que se baseava em uma rejeição, quando ainda era pequena, por parte de sua mãe, teve um efeito destrutivo terrível e perturbou as funções do ego. Seu ego estava como que apagado, e ela não era senão um amontoado de dores físicas. Era incapaz de habitar seu corpo.

A necessidade de uma consciência egóica que se identifique e seja mais ou menos encerrada em si mesma parece corresponder ao auto-encerramento natural do corpo individual. O desejo de uma fusão dessas fronteiras, de sua remoção, é expresso fisicamente no ato de amar. Quando um orgasmo pleno acontece, as fronteiras em volta do ego dão lugar à fusão, à *participation*, que é normalmente experienciada como muito prazerosa.

A relação da consciência egóica com o corpo é, entretanto, muito complexa. De um lado, tenho um corpo, pernas, um nariz, olhos, etc. Poderia parecer que meu ego possui meu corpo. Controle voluntário de meus movimentos corporais e de certas funções corporais é obtido apenas com o progresso do desenvolvimento do ego, fornecendo ao ego um sentimento de domínio sobre sua propriedade. Por outro lado, sempre que quero designar-me, aponto para meu corpo. Esse sou eu, em contraste com Sr. X, Y ou Z certo sentido, meu corpo também toma posse de meu ego. De acordo com tudo o que sabemos, a consciência egóica cessa com a morte física. De qualquer modo, se a alma e a consciência continuassem a existir, não seria jamais na forma da consciência egóica, que é limitada no espaço e no tempo, e por uma identidade corporal. O que de fato sabemos, entretanto, é que as funções do ego estão localizada em certas células cerebrais e que o dano físico a esses centros resultarão em perda de consistência para minha consciência egóica. Visto subjetivamente, meu corpo pertence a mim, e eu a meu corpo. Essa é, afinal, a base para qualquer verdadeiro sentimento de identidade.

CONFERÊNCIA IV

Senhoras e Senhores,

na segunda feira passada, estivemos ponderando sobre o que Jung poderia querer dizer quando disse que o complexo egóico tem um alto grau de continuidade e identidade consigo mesmo. A continuidade, em grande medida, tem a ver com nossa memória, como vimos da última vez. Pode-se também dizer que nosso sentido do tempo, nossa consciência temporal, nos fornece um sentido de continuidade. Tempo e espaço são categorias de nossa consciência egóica. Vocês também sabem que em sonhos o tempo e o espaço usualmente não são precisos, como na vida desperta. Em sonhos, pode-se estar em Zurique e ao mesmo tempo na Califórnia; pode-se ser uma criança ou uma pessoa muito velha. Em nossas atuais -circunstâncias, algo acontece que pertence a tempos passados, etc. Para mim, foi impressionante quando encontrei essa perda de continuidade pela primeira vez. Foi em Londres; quando- estudava- música e era completamente inocente de qualquer conhecimento psicológico.

A identidade do ego consigo mesmo já é o resultado do processo de desenvolvimento do ego. É o sentido de quem eu sou em contraste com meu entorno, e, em um estágio posterior, também em contraste com o inconsciente. Estou confinado dentro de minha própria pele; sou uma unidade separada com um certo grau de independência. Todos os complexos problemas da necessidade humana de separação, de um lado, e da necessidade de fusão, de outro, têm a ver com essa condição. Tenho de desenvolver um ego independente e separado, idêntico consigo mesmo, que me dê um sentido de liberdade, um sentimento de satisfação. Por outro lado, significa também um peso de responsabilidade, um sofrimento de solidão e a necessidade de fusão sempre a emergir. Há a necessidade de se fundir com o parceiro sexual, com a família, com um grupo ou com o analista, etc. Do ponto de vista do desenvolvimento do ego, isso parece ser uma libido regressiva. Mas a regressão pertence à vida humana e tem aspectos positivos necessários. Como vocês sabem, Jung considerava a regressão como um “Reculer pour mieux sauter” (Recuar para melhor saltar). Se nosso ego é forte, podemos nos entregar à necessidade de fusão sem sentir medo de perda do ego. Um ego fraco ou tem de viver em uma situação constante de fusão, ou tem de se defender dela de modo neurótico. Falaremos sobre isso mais tarde.

As inclinações e instintos também se expressam fisicamente e são experienciados pelo ego como sendo físicos por natureza.

Vocês estão lembrados de como a batalha contra Tiamat simbolizava a luta da consciência egóica por um delineamento, isto é, um diferenciação da própria instintualidade. Esse necessário- delineamento tem lugar sob a liderança de padrões de valores coletivos, que são representados pelos pais e pela escola. Dependendo da rigidez desses padrões, eles podem provocar uma cisão entre a consciência egóica e o domínio físico como um todo, um estado que é, como é bem sabido, altamente produtor de neuroses. Em tais casos, o ego tem de redescobrir sua própria natureza e seu próprio corpo e delinear-se contra as exigências dos padrões coletivos introjetados (ou superego). Em outras palavras, tem de -ser capaz -de -se diferenciar, de um lado, do domínio das inclinações, desejos e fantasias, e de outro, do domínio dos padrões ideais impostos. Tem de estabelecer sua própria identidade diferenciando-se de ambos os opostos, encontrar seu próprio ponto de vista. Traçar uma linha demarcatória entre o ego e o não ego em nível psíquico interno, bem como em relação a projeções -sobre o mundo externo é, em minha opinião, uma das maiores dificuldades para se encontrar a verdadeira identidade, e com ela a força do próprio complexo egóico.

Quem sou eu? é uma questão difícil. Alguns de vocês talvez conheçam a história do filósofo Arthur Schopenhauer, que um dia estava em pé no meio de um canteiro de flores, perdido em seus pensamentos. Um jardineiro furioso veio em sua direção, e, voltando-se para ele, perguntou quem ele pensava que era e o que estava fazendo ali. Suspirando, Schopenhauer respondeu “Se ao menos eu soubesse a resposta para isso.”

Nossa consciência egóica, por consequência, tem a habilidade extremamente importante e decisiva de se tornar, em certa medida, um objeto: tem a possibilidade da introspecção. É capaz de refletir-se, em resultado do que tem -a possibilidade de diferenciar e traçar a linha de demarcação entre ego e não ego. Mas há, é claro, pessoas que nunca pensam sobre si mesmas; nunca tornam-se um problema para si próprias e, que, apesar disso, parecem possuir um ego muito forte e que funciona bem. Estou pensando, por exemplo, em homens de negócio eficientes, gerentes extrovertidos, etc., que são altamente bem sucedidos em aplicar sua energia no interesse de seus negócios e de sua carreira pessoal. Para tanto, têm um controle extremamente bom sobre si próprios e são capazes de ajustar-se a situações com muita sutileza. Essas pessoas geralmente não são, é claro, encontradas em análise, e os psicólogos raramente têm qualquer contato profissional com elas. Entretanto, tenho, de fato, me deparado com tais pessoas pela razão um tanto significativa de que suas esposas com frequência têm enormes problemas psicológicos. Em geral, pergunto-me se pode de fato falar de um ego forte no caso desses homens, apesar de sua impressionante performance e do fato de seus egos funcionarem extraordinariamente bem. Obviamente, sua consciência egóica está identificada com suas carreiras. Está identificada com sua inclinação à auto-afirmação e ao poder, e com o valor-padrão coletivo: aqueles que ganham mais valem mais. Porque essas pessoas conseguem traduzir sua

inclinação ao poder, sua ambição, em realidade de um modo mais ou menos ajustado, seu ego dá a impressão de ser forte. Por baixo disso, entretanto, são prisioneiros de padrões coletivos e do arquétipo do pai que há por trás disso. Nunca lutaram a batalha contra o pai Uranos, isto é, nunca lutaram contra os padrões coletivos de nossa consciência coletiva. Como sabemos, tanto pela mitologia quanto pela experiência de vida prática, é a mãe natureza que está principalmente interessada nessa luta. O feminino e a natureza não recebem o que lhes é devido e como resultado, as esposas de tais homens freqüentemente adoecem fisicamente. Algumas vezes, a mãe natureza também se vinga na forma típica de males estomacais e ataques cardíacos. Mostrou-se estatisticamente que homens desse tipo estão especialmente sujeitos a problemas cardíacos. Não têm relacionamento algum com seus corpos ou -seus instintos. Não -sentem seu cansaço e não dão atenção alguma aos sinais de perigo mais sutis de sua natureza corporal. Para dizer o mínimo, sua consciência egóica teria de ser chamada de altamente unilateral.

Mesmo para a formação do ego, a introspecção, que com certeza é parte e parcela do processo de individuação que ocorre durante toda a vida, é, por conseqüência, altamente importante. Ela recebe seu principal estímulo do fato de que~ de algum modo eu me torno um problema para mim mesmo, de que, à luz de certa experiência, tenho dúvidas sobre mim mesmo. A capacidade de introspecção consciente é usualmente adquirida apenas na puberdade. Durante esse período de crise psíquica, os jovens tendem freqüentemente a ser extremamente introspectivos. Essa é a época em que conscientemente se perguntam: como eu sou?, quem sou eu?, qual meu valor em comparação com -os outros?, por que tenho problemas comigo mesmo? Em um estágio anterior, o conflito usualmente surge com o mundo exterior, pais, irmãos, escola, etc., o que, é claro, também acarreta dificuldades. A possibilidade de reconhecer que os problemas podem também residir neles próprios usualmente só se dá na puberdade.

Em geral, os jovens -que vão à análise freqüentemente tentam pensar, saber e avaliar a si próprios, mas sem muito sucesso. Isso não os leva a lugar algum. O mero fato de que algo está- fora do lugar, no que diz respeito ao seu ajustamento, desvaloriza-os a seus próprios olhos. Condenam-se, de um lado, mas de outro sua preocupação consigo próprios parece interessante para si próprios. Secretamente, muitas vezes sentem que têm de ser alguém realmente especial ou fora do comum. E o fora do comum que eles tentam realizar, mesmo se apenas em sua imaginação. Isso é típico da psicologia do complexo de inferioridade e sua sobre compensação por meio da inclinação ao poder e linhas de orientação fictícias, que Alfred Adler investigou muito detalhadamente. Em minha experiência, tem sido útil, em tais casos, examinar tanto o sentimento de inferioridade quanto as fantasias-compensatórias de ser alguém fora do comum. Obviamente, é o sentimento da identidade do ego que está perturbado. Pode, portanto, ser útil encontrar exatamente de onde -vêm as *categorias de valor* pelas quais esses jovens se consideram inferiores. Quem é que efetivamente me julga? Sou *eu* quem me julga ou obtive esses critérios de algum lugar? Todos sabemos que há sentimentos de inferioridade justificados e injustificados. Em qualquer caso, é extremamente importante confrontar o ego com os próprios padrões de valor da pessoa, e com a questão de quem ou o que me julga e de que maneira. Na maioria dos casos, essa confrontação é parte da luta do jovem para separar-se do arquétipo do pai, que continua autonomamente a afetá-lo por meio pai pessoal ou do animus da mãe.

De modo geral, seria correto dizer que os sentimentos de inferioridade são *justificados* sempre que o ego não se desenvolve de acordo com suas leis internas; isto é, quando permanece muito abaixo de seu potencial, não conseguindo estar à altura de suas próprias possibilidades, e esse tipo de sentimento de inferioridade é, na verdade, bastante sadio. Deveria fornecer o ímpeto para sustentar um esforço maior.

Aqui está um exemplo pequeno e bastante banal de tal doença. Uma jovem, que veio me ver, reclamava de sentimentos de inferioridade por causa de sua má aparência. Na verdade, não tinha uma má aparência de modo algum. Tinha charme feminino, mas era terrivelmente desleixada no que dizia respeito às suas roupas. Quando vinha me ver, usualmente suas meias estavam furadas, seu cabelo não estava cuidado e uma blusa rasgada estava à mostra debaixo de sua saia. Seu complexo de inferioridade estava, é claro, muito profundamente enraizado. Todavia; contei a ela que achava muito estranho ela sempre reclamar de sua má aparência, o que era, de fato infundado, enquanto, de outro lado, sequer tornava o cuidado de parecer tão atraente quanto possível, pois sempre andava com meias furadas. Apesar de primeiramente tomar isso como mais uma rejeição baseada em sua assim-chamada feiúra, o efeito terapêutico de minhas observações foi positivo, à medida que então começou a fazer um esforço real para parecer tão atraente quanto possível. Afinal, temos de ter a quantidade certa de autocritica e um certo sentimento de inferioridade que nos incite a conquistas maiores. Como é bem-sabido, a autosatisfação também detém o desenvolvimento.

Qualquer confrontação com sistemas de valores deveria levar a uma diferenciação entre sentimentos de inferioridade justificados e injustificados, uma diferenciação que nem sempre é fácil. O belo ditado de Goethe, segundo o qual um homem bom, mesmo quando movido por ímpetos obscuros, é bastante consciente do caminho correto, é muito verdadeiro, mas também se pode dizer que muitas vezes os valores que foram automaticamente assumidos desvalorizam o ímpeto obscuro, ou bloqueiam a habilidade de se relacionar -com ele. A pessoa não -se -dá a chance de viver como é. No caso de mulheres com esse problema, observamos juízos negativos constantes do animus sobre si mesmas, enquanto os homens são conduzidos por máximas de acordo com as quais querem viver.

Freqüentemente, entretanto, são inconscientes, ou apenas parcialmente conscientes, dessas máximas, -o que é efeito -da hierarquia de valores que pertencem à -consciência coletiva. Assim, um jovem que era delicado e sensível por natureza sentia-se inferior, porque não era bom em esportes e atletismo. Para ele, essa- condição obviamente constituía um problema de masculinidade, a máxima coletiva sendo aquela segundo a qual é preciso ser um atleta para-ser masculino. Ele também sofria por ser muito magro, e pensava ser essa a razão pela qual não tinha sucesso com as mulheres. Essas idéias bloquearam suas atividades masculinas e sua habilidade de se relacionar com as mulheres. Imaginava ser incapaz de ter qualquer sucesso com as garotas. Seu ego estava tão identificado com a idéia coletiva -segundo a qual a masculinidade é caracterizada por músculos, que era compelido a considerar-se inferior. Sendo magro e não sendo um desportista, as garotas seriam compelidas a rejeitá-lo, e assim ele ansiosamente esperava até ser rejeitado, provocando a rejeição por meio de seu comportamento. Antes da análise, jamais questionara a máxima com a qual se avaliava - isso jamais lhe ocorreria. Para ser capaz de abandonar seus sentimentos injustificados de inferioridade e aceitar-se como era, seu ego tinha de aprender a diferenciar-se desses valores coletivos. Bem, hoje ele está casado.

Na minha visão, as fantasias compensatórias secretas de grandeza - o sentimento de ser interessante e único - são muito reveladoras e merecem consideração no tratamento de tais pessoas. Adler as desvalorizou como meros produtos da inclinação ao poder e da auto-afirmação que procura sobrecompensar uma inferioridade. Entretanto, na verdade elas muitas vezes escondem um impulso de auto-realização. Enquanto esses sentimentos permanecem fantasias secretas de grandeza, que são meramente assumidas para compensar uma inferioridade, de fato permanecem improdutivas e perturbadoras. Creio que é importante investigar os conteúdos dessas fantasias e descobrir se têm qualquer possibilidade de serem efetivadas. Talvez alguma atividade possa ser praticada em direção à sua realização. Possivelmente sejam expressão da natureza específica de uma pessoa. Junto com seus sentimentos de inferioridade, o analisando que mencionei acima tinha a fantasia de que um dia escreveria uma peça importante e assim se tomaria famoso. Depois disso, nenhuma garota se importaria com sua falta de músculos. Descobri que escrever *em* vital para ele e que ele era mesmo talentoso. Por fim, deu-se conta de que não é possível escrever *de modo* a tomar-se famoso e conquistar uma mulher, mas que isso era um meio genuíno de expressão. De qualquer modo, continua escrevendo, apesar de, nesse fim tempo, ter encontrado uma esposa e estar mais ou menos feliz em seu casamento. Escrever é agora importante para ele, mesmo que jamais se torne um autor conhecido, e está lhe permitindo realizar-se como pessoa. No que diz respeito à diferenciação entre o ego e os sistemas de valor autônomos, isso é suficiente.

Muitas vezes, a diferenciação entre ego e não ego de *influências* inconscientes – é uma parte muito árdua do trabalho analítico. Isso é particularmente óbvio no caso de analisandos que são incapazes de dizer qualquer coisa sobre seus pais. “Eles são legais; tive um bom relacionamento com eles. Ocasionalmente houve algum atrito, é claro, mas isso acontece em todas as famílias.” Usualmente, não -são nem capazes de descrever seus pais. Tudo que se obtém deles são opiniões coletivas no sentido de que seus pais são legais, bem intencionados, de que sempre tentaram dar o melhor de si, etc. Em geral, descobre-se que o ego dessas pessoas ainda está identificado com seus pais. Ao mesmo tempo, sua habilidade de refletir sobre si mesmas também está subdesenvolvida. Alguns analisandos têm uma séria resistência interna a seu pai ou sua mãe, ou a ambos, por muito tempo, mas são incapazes de contar ao analista qualquer coisa sobre isso, pois sentem vergonha do que, a seus olhos, está errado com o modo de pensar ou agir de seus pais. Outros sentem culpa quando dizem qualquer coisa sobre -seus pais. Seu ego é incapaz de ver os pais como objeto de um conflito, enquanto ainda está amplamente identificado com eles.

Há também analisandos que experienciam qualquer afirmação feita com base em uma interpretação de um sonho como uma afronta pessoal. Um paciente, por exemplo, experienciava toda interpretação como um ataque a seu ego. Se, por exemplo, o sonho dissesse que tinha uma forte tendência a tornar-se dependente de pessoas erradas, sentia que eu achava que ele era estúpido. “*Sou* estúpido, se não consigo distinguir entre as pessoas certas e erradas; e *sou* covarde, se me sinto compelido a me ligar a elas.” Tais imputações falsas ao ego são muito dolorosas: Na verdade, sua necessidade exagerada de ligar-se a outras pessoas era muito compreensível, tendo em vista sua história de vida. Entretanto, seu ego era forçado a defender-se de tudo, mesmo de seus *insights*. Era incapaz de diferenciar seu ego de suas tendências inconscientes, e era incapaz de ver suas necessidades como *objetos* de reflexão.

Isso também me traz à mente uma senhora que fazia uma enorme cena sempre que alguém de sua família ousava acrescentar sal à comida que ela preparara. Para ela, esse gesto significava: estão tentando me acusar de não ser capaz de cozinhar - em outras palavras, não tenho nenhum valor. É claro, esses são casos gritantes, patológicos, de fragilidade do ego. O complexo de inferioridade -soltou o complexo egóico, que é tão indiferenciado que é incapaz de distinguir entre o verdadeiro valor da pessoa e algo tão sem importância quanto o sal comida.

No caso de depressões, é vital distinguir entre o ego e a depressão pela qual é tomado. Se o ego é incapaz de fazer essa diferenciação, isso significa: tudo é sem esperança ou sem significado; sou o fim; trouxe isso para mim; tudo está perdido; não posso mais viver. No caso das depressões psicóticas, as assim chamadas depressões endógenas, há sempre uma completa identificação entre o ego e o humor depressivo. Essa é a razão pela qual as

depressões endógenas estão tão freqüentemente casadas com tentativas de suicídio. Mas, se sei que estou em uma depressão, posso manter um pé fora, não importando quão dolorosa a depressão possa ser, e tentar descobrir seu significado. Desse modo, não fico totalmente preso a meus pensamentos depressivos.

A linha de fronteira [borderline] entre o ego e o não ego desempenha um papel muito importante no que diz respeito ao problema da responsabilidade. A consciência egóica, como se sabe, tem a responsabilidade por minhas decisões e minhas ações. Os tribunais de direito levam isso em consideração ao determinar a responsabilidade criminal de nossos atos de acordo- com critérios psiquiátricos, que são classificados como de responsabilidade plena, parcial, ou ausência total de responsabilidade. Em outras palavras, tenta-se descobrir em que medida o ego pode ser considerado responsável pela ação. Os menores, por exemplo, nunca têm responsabilidade plena no tribunal, pois sua consciência egóica ainda não está plenamente desenvolvida. E por isso que o réu é examinado para ver se o ego estava subjugado por fortes emoções, quando o crime foi cometido, ou se a pessoa estava obcecada por uma idéia que ditou a decisão de cometer a ação. Quando, por quaisquer razões, a consciência egóica não funciona plenamente, também se assume que o réu não possui responsabilidade plena, e a punição é, de acordo com isso, atenuada. Em tempos anteriores, a severidade da punição dependia do feito. Hoje, tentamos estabelecer os motivos e o grau de responsabilidade pelo ato. Isso é muito mais humano, mas é freqüentemente mal compreendido pelo público, que condena o crime e seus efeitos.

Pacientes psiquiátricos que têm de ser hospitalizados caracterizam-se pelo fato de não mais serem capazes de aceitar a responsabilidade por seus atos. Não têm mais qualquer controle sobre, suas, próprias, vidas; não, conseguem assumir qualquer responsabilidade por si mesmos e, portanto, têm de delegá-la à clínica. Seu ego é parcialmente incapaz de funcionar.

Muitos neuróticos apresentam a condição inversa: seu ego tem de assumir responsabilidade demais, pois ainda não são capazes de distinguir o ego do não ego. Pacientes que têm tanta vergonha das idéias de seus pais que são incapazes de falar deles, por exemplo, sentem-se responsáveis por algo que, na verdade, está fora dos limites de seu ego. Muitas pessoas sentem-se responsáveis por suas fantasias e pensamentos espontâneos, e em alguma medida até mesmo por seus sonhos. Isso é freqüentemente uma fonte dos mais terríveis conflitos. Na análise, espera-se que aprendamos a diferenciar entre nosso ego e as manifestações de nosso inconsciente. Também temos de aprender a nos afastar das influências das pessoas que nos cercam de modo a descobrir nosso próprio ponto de vista. Isso significa que não temos de assumir qualquer responsabilidade direta pelos pensamentos, fantasias, sonhos e emoções que surgem do inconsciente. Temos até mesmo de aprender que *não podemos possivelmente* assumir qualquer responsabilidade direta nem pelos pensamentos amáveis ou maldosos que nos ocorrem espontaneamente. Mas *temos*, sim, de assumir a responsabilidade pelas nossas ações. Sob circunstâncias normais, somos responsáveis por *nossos feitos*, mas não por nossas fantasias e sonhos. Como vocês sabem, nossa responsabilidade pelos conteúdos do inconsciente, nossos sonhos, fantasias, emoções, etc. é de natureza diferente. Não somos responsáveis pelo fato de que eles nos ocorrem, mas somos responsáveis pelo que fazemos com eles.

Se sonho, por exemplo, que matei meu pai, ninguém pode tomar meu ego diretamente responsável pelo desejo de cometer um assassinato. Mesmo se, na vida desperta, subitamente sinto um ódio mortal por meu pai, meu ego não é diretamente responsável por essa emoção, apesar do Quarto Mandamento: honra teu pai e tua mãe. No entanto, meu ego tem o dever ético de não guardar esse ódio. Se reprimo a emoção porque tenho sentimentos de culpa, ela cai para o inconsciente e, como sabemos da teoria da neurose, ganha duas vezes mais força de modo diferente. Como resultado, incomodo meu pai com reações altamente desagradáveis, enquanto finjo amá-lo e honrá-lo. Isso muitas vezes leva a -sentimentos tortuosos, irracionais, de culpa. Além disso, privo-me da possibilidade de &ir-me conta de que esse ódio mortal que sinto por meu pai pode ter algum *significado* para o processo de tornar-se consciente, mesmo que seja simbolizado dessa maneira. Se, por outro lado, examino esses sentimentos de ódio conscientemente, tenho de tomar uma certa atitude em relação a eles. Minha consciência egóica confronta-se com a emoção de ódio. Normalmente, não chegará à conclusão de que o pai deveria de fato ser morto. Por outro lado, pode também dar-se conta de que essa idéia ou impulso indica uma necessidade de alcançar algum afastamento do pai. Algumas coisas, que já deveria ter elaborado em minha idade, continuam a ser projetadas no pai. Vimos anteriormente que o desejo de matar o pai é um motivo arquetípico importante. Mostra que tenho de me desfazer de padrões e atitudes autoritárias que assumi inconscientemente do pai, que tenho -de amadurecer e encontrar atitudes que correspondam a minha própria individualidade. Em outras palavras, o ego tem a possibilidade de várias atitudes em relação a esse sentimento de ódio e que, em escolhendo uma, encontrará seu próprio ponto de vista, bem como alcançará uma expansão da consciência. E, portanto, considerado responsável por o que ele faz e por abordagem, ao lidar com os conteúdos do inconsciente. A aquisição do sentimento correto de responsabilidade é um processo de diferenciação cheio de truques. Não sem uma certa freqüência, ouve-se pessoas que fizeram um pouco de análise dizer: “Ontem, minha sombra ou minha alma fez isso ou aquilo”. Isso, é claro, não é nada bom, pois meu ego é responsável pelas *ações* de minha sombra ou alma. Em outras palavras, atribui-las à sombra ou à alma é simplesmente uma má desculpa, e não é nenhuma evidência- de uma- consciência responsável. Determinar o escopo bem como as limitações de minha responsabilidade é, do ponto de vista ético, uma das principais preocupações de nossa consciência egóica.

Gostaria agora de fazer alguns comentários sobre o aspecto energético desse problema. Como vocês sabem, nossa consciência egóica tem um certo montante de energia disponível. Isso significa que é possível canalizar energia conscientemente para certa meta, normalmente pela exclusão de quaisquer elementos perturbadores. Nesse caso, falamos de concentração. Se sou capaz- de me concentrar conscientemente em algo que normalmente requereria algum esforço, manifesto força de vontade. A concentração sempre significa que -sou -capaz de calar outros impulsos, pensamentos, desejos ou fantasias que surgem simultaneamente e me afastariam da realização do que tenho de fazer. Sempre que minha habilidade de concentrar é constantemente perturbada por esses outros conteúdos, isso significa que os conteúdos perturbadores possuem mais energia de minha vontade direcionada a uma meta. Nesse caso, o ego é fraco, porque não tem energia para calar os elementos perturbadores. Conversamente, pode-se também dizer que os impulsos e fantasias que surgem do inconsciente são mais fortes que o ego. Os educadores tentam superar tais fraquezas desenvolvendo o que chamam de força de vontade. Mas, como é bem sabido, as tentativas de desenvolver a força de vontade por meio do “você tem de” ou do “você deve” são raramente bem sucedidas. Seria muito mais útil investigar as perturbações e tentar estender o raio da consciência egóica. Uma boa análise é muitas vezes capaz de liberar energias inimaginadas para o propósito de esforços conscientes. Sobre uma base puramente empírica, Jung definiu o livre arbítrio como sendo as energias disponíveis à consciência. À medida que uma pessoa livremente comanda suas energias, sua vontade, também se sente livre. Dos pontos de vista filosófico e teológico, o problema do livre arbítrio é, entretanto, muito complexo, e não podemos discuti-los extensivamente neste contexto. Para Jung, isto é, do ponto de vista psicológico, o livre arbítrio é equivalente à energia disponível à consciência. Por meio disso, entretanto, não queremos dizer a energia que está localizada na consciência. Aquilo com o que estamos lidando aqui é uma interação entre a consciência e a energia psíquica. De um lado, a consciência egóica usa para seu próprio propósito as energias que espontaneamente se manifestam; de outro, tem de encontrar a atitude correta que a permitirá constelar a energia do inconsciente. Tomemos um exemplo. Suponhamos que alguém tem um forte impulso e a idéia, bem como o interesse, para escrever um livro sobre um tópico dado. Isso pode, é claro, não passar de uma idéia grandiosa, uma fantasia, um desejo. Mesmo assim, essa fantasia tem energia suficiente para alcançar a consciência. Se escrever esse livro se tornar uma tarefa consciente, se uso minha força de vontade para esse propósito e me ponho a trabalhar, suando sangue e lágrimas, meu ego assume o desejo- espontâneo. Entretanto, a menos que haja interesse espontâneo em ajudar a vontade consciente, o livro provavelmente não será escrito, ou beira -o marco -do -estresse e da superficialidade. Meu empreendimento só é genuíno se a energia requerida é liberada pelo inconsciente. Isso é experienciado em termos da satisfação derivada do trabalho. Dúvidas podem, todavia, manifestar-se. Posso ficar cansado do livro. Posso preferir repousar ao sol, ou o que for. Nesse caso, minha consciência tem de sempre manter a meta em mente e não deixar escapar a fantasia. Tenho de continuar a canalizar minhas energias e reunir a força de vontade necessária. À medida que o tempo passa; posso também lançar mão de certos *rites d'entreés* para reunir e mover as energias do inconsciente. Antes de me sentar para escrever, posso criar a energia necessária lendo algo que tenha algo a ver com meu campo de trabalho. O material pode me estimular. Pode me dar idéias que desejo reter e assim constela-se a força de vontade. Meu exemplo da- escrita pode não ser 'suficientemente específico, pois não leva a lugar algum a menos que haja a cooperação de idéias espontâneas.

Entretanto, qualquer tipo de trabalho levado a cabo por minha vontade consciente requer um certo montante de energia inconsciente. Além da vontade de continuar engajado, também preciso da atitude adequada; que me diz que tipo de trabalho tem algum significado. Pode, de fato, ser significativo simplesmente porque me ensina a perseverar. E significativo até mesmo apenas sustentar minha família por meio do trabalho que faço. Nesse caso, o instinto de autopreservação fornece a força de vontade para fazer o trabalho. Entretanto, tão logo um forte sentimento de falta de sentido se desenvolve, nossa vontade consciente é seriamente prejudicada. Essa é a razão pela qual a atitude em relação ao trabalho que se faz é tão decisiva.

Trabalhar para um exame, por exemplo, nem sempre é pura diversão. Em alguns casos o interesse objetivo no assunto é suficientemente grande para constelar a vontade de estudar. No empenho da força de vontade, o interesse espontâneo é a maior contribuição que o inconsciente pode fazer ao esforço consciente. O interesse não pode ser comandado, entretanto. Há sempre alguns assuntos nos quais não consigo ficar interessado por maior que seja minha vontade. Por outro lado, tenho de passar no exame se quiser exercer a profissão de minha escolha. Nesse caso, a única coisa que me ajuda é o conhecimento do fato de que estudar para esse exame é essencial para meu futuro. A inclinação à auto-afirmação pode ser um recurso valioso aqui, pois me torna ciente do fato de que minhas chances profissionais serão muito melhores se passar no exame.

Estivemos verificando o problema da energia psíquica conectada ao complexo egóico. Nosso ego tem um certo montante de energia à sua disposição, que podemos chamar de força de vontade. Essa força de vontade é, em certa medida, livre para perseguir suas metas. Jung definiu nossa força de vontade como a energia que está à disposição da consciência. Portanto, o fortalecimento -da -vontade também significa uma ampliação de nosso domínio consciente. Também significa um maior conhecimento sobre os modos pelos quais podemos constelar nossos recursos energéticos internos para nossas tarefas. Usualmente, se a *tarefa* que estamos perseguindo tem significado para nossa personalidade total, sentimos um interesse espontâneo que nos ajuda em sua realização. O

interesse espontâneo usualmente significa que a libido inconsciente e nossa vontade consciente terão uma certa base de cooperação, que é necessária para qualquer conquista genuína. Nesse caso, muitas vezes encontramos em sonhos o símbolo do cavalo e do cavaleiro. Um bom cavaleiro deixa-se carregar pelo cavalo, compreende o modo instintivo do cavalo se comportar, mas dirige e controla sua- velocidade e sua direção sem forçá-lo. Em meu modo de ver, os sonhos de cavaleiro e cavalo podem nos dar uma boa imagem do modo como as energias consciente e inconscientes cooperam ou não. Algumas vezes, o cavalo toma-se selvagem e derruba o cavaleiro, algumas vezes a pessoa que está sonhando não ousa montar o cavalo, algumas vezes consegue cavalgar satisfatoriamente, etc.

A energia do ego também pode ser usada para suprimir tendências e conteúdos de si que não pareçam aceitáveis. Penso que temos de diferenciar, aqui, entre supressão e repressão (*Unterdrückung und Verdrängung*). A supressão ocorre conscientemente Na situação transferencial da análise, pode-se subitamente ter um impulso de abraçar e beijar o analista. Mas sabe-se que esse comportamento não é apropriado à realidade da situação analítica. Usa-se, portanto, a energia que vem desse conhecimento para suprimir conscientemente esse impulso. Se o relacionamento com o analista e com o inconsciente está bem desenvolvido, pode-se então falar sobre esse impulso e tentar descobrir seu significado ao invés de -simplesmente entregar-se a ele. Muitas vezes, temos de suprimir certas tendências internas de modo a funcionar apropriada e realisticamente em uma situação dada. Essa é uma decisão mais ou menos consciente sobre a quais impulsos espontâneos devemos nos entregar e a quais não, em dado momento. Aqui o ego exerce seu controle e sua responsabilidade. Quanto mais diferenciado, melhor consegue lidar com as supressões de um modo não demasiado rígido. O simbolismo do sacrifício está por trás dessa função necessária da consciência egóica;

A repressão, por outro lado, acontece inconscientemente. Não sei quais tendências e conteúdos inconscientes eu reprimo. Simplesmente não chegam à minha atenção consciente.. Não alcançam a consciência. A energia que está defendendo, que se opõe a tomarem-se conscientes, não está à disposição de minha consciência. Mas como vocês provavelmente sabem, na psicanálise freudiana, os mecanismos de defesa são considerados como pertencentes ao ego. Atina Freud fala do ego e seu mecanismo de defesa. Penso que há uma diferença- específica entre Freud e Jung no que concerne a seus conceitos de ego. Para Jung, o ego é o centro da consciência. Tudo que é inconsciente pertence ao não ego, ao inconsciente. Freud menciona que há uma grande parte do ego que é inconsciente. O superego pertence, para Freud, ao ego, mas sua eficácia não está sob controle consciente. E usualmente o -superego que investe -sua energia para reprimir certos conteúdos, o que é chamado de *anticathexis*. Jung diria que, em tais casos, o ego tem uma atitude que não permite uma cooperação com o inconsciente. A-atitude é muito estreita. Sabemos também, a partir de nosso trabalho prático, como é difícil alterar essa atitude. Aparentemente, o ego não está tão livre para escolher a atitude adequada. Há, muitas vezes, forças poderosas que o mantêm em sua atitude estreita e unilateral, e essas forças usualmente estão conectadas com a ansiedade. Portanto, também temos de lidar com o fenômeno da resistência a encontrar certos conteúdos em si mesmo, conteúdos que foram reprimidos. Nosso ego, por ser compelido a buscar segurança em uma atitude estreita, não pode se permitir ser confrontado com certas tendências ou partes de nós mesmos. Portanto, não podem chegar a nossa atenção consciente, e são, assim, reprimidas. Uma comparação-meticulosa entre os Conceitos de ego de Jung e de Freud nos levaria muito longe. Liliane Frey escreveu um livro muito instrutivo sobre Freud e Jung, para aqueles de vocês que lêem alemão. Espero que também seja traduzido para o inglês em breve.

De qualquer modo, a energia à- disposição de nosso ego, nossa força de vontade, nos ajuda a organizar nossas vidas, a trabalhar e a controlar nossos impulsos espontâneos.

Há ainda outro aspecto concernente ao problema da energia. Há uma energia inconsciente que estimula nosso desenvolvimento egóico. Essa energia, geralmente a experienciamos como inclinação espontânea à- auto-afirmação.

CONFERÊNCIA V

Isso nos leva a outro aspecto do problema- energético. Pois a energia inconsciente que estimula nosso desenvolvimento egóico é, em grande medida, o que experienciamos como inclinação à auto-afirmação. Frequentemente temos sucesso em nossos esforços feitos com base na força de vontade, pois eles nos dão valor pessoal aos olhos da sociedade. Mesmo na- escola; o desempenho é avaliado e as crianças muitas vezes trabalham de modo a obter a aprovação do professor. No sistema (escolar) francês, as crianças costumavam até mesmo sentarem-se de acordo com seus resultados. *Le premier de la classe* sentava na primeira fila mais próximo ao professor, assim classificando-se oticamente perante seus colegas. Em sua luta pela existência, os avanços profissionais consistem em adquirir uma certa posição na sociedade. “O valor está baseado em seu reconhecimento”, que é a razão pela qual meu próprio valor depende primariamente do reconhecimento que posso obter aos olhos de meus semelhantes. Estar no topo, adquirir poder e prestígio é uma fonte primária de estímulo para o ego. E a inclinação primordial, que Nietzsche descreveu como “vontade de potência”. Adler, como destaquei antes, construiu sua teoria psicológica inteira sobre essa inclinação. Nos mitos que discutimos, vocês lembrarão que Marduk adquiriu poder sobre Tiamat como resultado de sua vitória heróica, enquanto que, após sua castração, Uranos perdeu seu poder, que passou a seu filho Cronos. Aqueles que têm poder, têm o meio de controlar. Mesmo em nível subjetivo, falamos de autocontrole e autodomínio. Portanto, como resultado de sua luta para se desenvolver, o ego -tem de alcançar um ponto em que possa exercer um certo controle e domínio sobre o inconsciente. Sem isso, a civilização não seria possível. Como regra, a inclinação à auto-afirmação é satisfeita pelo autocontrole, que tem muitas vezes de ser ganho ao sacrifício de prazeres *momentâneos* e pondo de lado frustrações. Muito contorto temporário tem de ser sacrificado para alcançar a posição na vida em que a pessoa se coloca. A satisfação que obtemos de uma conquista também aperfeiçoa nosso auto-respeito. Se sou *capaz* de fazer algo, tenho algum valor. Conversamente, muitas vezes notamos uma profunda carência de auto-respeito em pessoas que constantemente se entregam às suas inclinações ou humores momentâneos, e que são assim desviadas de seus esforços para atingir suas metas. A extensão em que essa carência de auto-respeito, essa inferioridade, está baseada na identificação com os padrões de realização prevalecentes em nossa civilização tem, naturalmente, de ser aferida individualmente. Como salientei anteriormente, entretanto, eu acredito, sim, que tal fragilidade do ego causa sentimentos justificados de inferioridade e culpa que estão profundamente enraizados na personalidade. A ambição sadia, portanto, estimula o desenvolvimento do ego, e, em grande medida, é a fonte de energia do ego. A honra conferida a alguém desempenha um papel tão importante hoje quanto sempre desempenhou no passado, mesmo na antigüidade. E claro que se trata de um conceito muito amplo, que sempre tem sido objeto de alterações históricas e individuais. O sucesso não é idêntico à honra, mas tem sido muitas vezes identificado a ela. Afinal, ambição é o mesmo que lutar pelo sucesso. A maioria dos pais dão muito valor ao sucesso de seus filhos na escola, e os premiam com uma manifestação de prazer, orgulho e amor. A idéia de fracasso usualmente dá surgimento a um ansiedade considerável. Ser um fracassado é degradante e destrói nosso valor aos olhos dos outros e de nós mesmos. Essa é a base -para o medo de exames, para o medo de se apresentar em público e muitas vezes também para a impotência. O fracasso é sentido como sendo algo terrível e amedrontador, porque ameaça minar nossos sentimentos de auto-respeito. E humilhante ser um perdedor.

A inclinação á auto-afirmação é, como vimos, uma fonte importante de energia, um estimulante para o desenvolvimento do ego. Como o homem é, além disso, uma criatura arriscada, essa inclinação também corre o perigo de ser exagerada e de trazer destruição. Pode facilmente degenerar para unia devoção ao poder, um complexo de poder, mantendo a consciência egóica completamente sob seu controle O ego pode ser tomado por ela, identificando-se com ela ao invés de usar sua- energia consciente e responsabilmente. Por essa razão, creio que o fracasso pode frequentemente ser muito *benéfico*, se assimilado apropriadamente. Poder ser instrumental em tornar consciente uma inclinação que opera inconscientemente pela auto-afirmação e pelo sucesso. Frequentemente, o fracasso balança o auto-respeito das pessoas, assim forçando-as - à confrontarem-se com seus padrões de honra e valores, que tinham sido sustentados pela energia de sua inclinação à auto-afirmação. Têm que começar a -se questionar e -se perguntarem questões mais profundas sobre si próprias e seus valores. Assim, faz-se um começo em direção a um *insight* de suas psiques, e como resultado têm de se tornar conscientes de suas inclinações à auto-afirmação e diferenciarem-se delas.

O oposto da inclinação à auto-afirmação para o propósito de salvaguardar e afirmar o ego é o *estar relacionado* tanto ao “vós” nossos semelhantes, quanto a uma tarefa objetiva, transpessoal. Por exemplo, muitas vezes observamos jovens para os quais um relacionamento com o sexo oposto serve primordialmente como uma confirmação de sua própria pessoa, isto é, para a satisfação da inclinação de auto-afirmação. Seu ego fica lisonjeado por ser amado. Essa é a razão pela qual os jovens gostam de sair apenas com moças *bonitas*. Querem ser admirados ou invejados por outros homens. A idéia de que uma moça bonita, que poderia ter muitos homens, prefira a mim a qualquer outro também contribui para minha auto-estima. Em casos extremos, isso mostra uma

disposição narcisista que mina a relação real, a habilidade de levar a realidade dos outros em consideração. Por outro lado, sabemos como é importante para o desenvolvimento sadio do ego ser amado. Crianças cuja necessidade de amor tenha sido frustrada por seus pais muitas vezes têm um profundo sentimento de que elas próprias não valem nada, o que retarda enormemente a formação de um ego forte. Em minha prática, tenho x'isto isso repetidas vezes. Por causa- dessa privação de amor, muitas pessoas constantemente lutam por autoconfirmação por meio de um(a) parceiro(a), e como resultado sempre fracassam. A consciência da luta pela auto-afirmação, e o dar ao complexo de poder seu lugar apropriado na psique é, portanto, altamente importante para que um relacionamento verdadeiro possa se desenvolver.

A atitude do ego em relação a tarefas objetivas, transpessoais é também freqüentemente distorcida pelas exigências do ego por auto-afirmação. Nesse caso, a própria tarefa serve de autoconfirmação, auto-estima. E usada para os propósitos do ego. No caso dos políticos, por exemplo, a inclinação pelo poder pode ter efeitos devastadores. Ao invés de seus esforços e de sua posição servirem ao bem-estar da comunidade, usam sua posição para fortalecer seu poder pessoal. Com atores e músicos, fica-se muitas vezes tentado a perguntar se eles servem à *arte* ou se *usam* sua interpretação de obras de arte para a autoglorificação. O analista também corre o perigo de ficar preso por seu próprio narcisismo, por causa da importância que desempenha nas vidas de seus analisandos. Tem de constantemente lembrar-se de que é servo de um processo mais profundo. É também extremamente importante que, em suas próprias análises, os candidatos elaborem seus motivos inconscientes para quererem se tomar analistas. Por trás do desejo de ajudar e curar, muitas vezes esconde-se um desejo de auto-engrandecimento. A fantasia de querer se tomar um analista para desempenhar um papel importante na vida dos pacientes e assim ganhar uma contínua confirmação do seu próprio valor freqüentemente fornece uma motivação constrangedora, que tem de ser questionada:

No caso de analisandos, deve-se igualmente tomar muito cuidado para que não usem a análise para uma falsa autoconfirmação. Os analisandos muitas vezes pensam que sonhos profundos e interessantes, refletem um mérito pessoal. Quando um analisando fica muito orgulhoso de seus sonhos interessantes, pode-se estar quase certo que a inflação está bem ali na esquina.

Em outras palavras, a inclinação à auto-afirmação consiste em geral na energia que serve ao desenvolvimento do complexo egóico. Essa inclinação jamais deve, portanto, ser desvalorizada, negada, prejudicada ou minada, pois tem uma função extremamente importante. Na realidade, ela hipertrofia especialmente em casos onde tem sido minada por circunstâncias desafortunadas, e, portanto, duplica seus esforços no sentido de obter satisfação. Em qualquer caso, é importante que o ego esteja consciente de seus próprios esforços de autoafirmar-se. E como um motor que tenha de ser usado de acordo com as condições de dirigibilidade. Os fracassos e a sanidade avariada pode, portanto, ser altamente instrumental no desenvolvimento da consciência.

Problemas de Fragilidade do Ego

Agora voltaremos nossa atenção aos problemas mais específicos da fragilidade do ego. O que vocês pensam que são as principais características da fragilidade do ego? Como a reconhecemos?

Diria que a principal característica manifestada por uma pessoa com ego frágil é o fato de que dá uma impressão muito insegura. Essa insegurança pode expressar-se de modos altamente diferentes. E muito perceptível em casos em que a pessoa é gauche, exageradamente tímida, fica alternadamente corada e pálida, excitada e nervosa. L menos clara em casos em que as pessoas escondem sua insegurança por trás de comportamentos particularmente enérgicos, agressivos e aparentemente auto-afirmativos. A insegurança, na verdade, é um fenômeno muito estranho. Surpreenderia-me se houvesse alguém entre nós que fosse inteiramente seguro. A segurança é uma ilusão. Como seria possível saber se somos capazes de encontrar a palavra correta no momento certo e que podemos mostrar-nos sob o aspecto correto em ocasiões importantes? Há inúmeras fontes de erro que escapam ao nosso controle, pelo menos parcialmente. Estaremos alguma vez certos de que tomamos a decisão correta? Temos apenas um controle limitado sobre nossa saúde e nossas emoções. Durante exames, nossa memória muitas vezes nos deixa desesperadamente em apuros. Temos apenas controle limitado sobre as impressões que deixamos às outras pessoas, sobre se elas nos acham agradáveis ou não. Não podemos conscientemente forçar as pessoas ou a pessoa que particularmente importa a nos amar. Não estamos imunes aos percalços . que nos traz o destino; não sabemos quanto tempo iremos viver. Basicamente, sempre vivemos na insegurança. Mesmo nossos esforços para alcançar um máximo de segurança pela aquisição de riqueza ou pelo firmamento de contratos de seguro podem, na melhor das hipóteses, nos dar a *ilusão* de viver em segurança. Não é preciso ir ao ponto de pensar em termos de guerras atômicas., apesar de elas não exatamente aumentarem nosso sentimento de segurança. Em outras palavras, tudo à nossa volta é incerto, mas também o são nossas próprias reações, decisões e comportamentos, à medida que dependem de se nosso corpo irá suportá-las ou não e que nossa espontaneidade psíquica pode nos deixar na mão. Mesmo que tenhamos a necessidade de nos cercar de um máximo de segurança,

só podemos viver completamente se tomamos a insegurança conscientemente em consideração. Isso é o que é chamado de *vivere pericolosamente*. A consciência egóica apropriadamente desenvolvida também envolve ser capaz de suportar e elaborar tensões e conflitos, culpa e medo e a habilidade de não ter de escapar do sofrimento humano e à insegurança do destino humano. Para nosso ego, a *insegurança* é uma grande fonte de ansiedade, e atirar-se à insegurança é um teste de coragem. Essa é a razão pela qual os heróis são tão freqüentemente lutadores. Se alguém entra em uma batalha, nunca está certo de se irá sair dela vivo. Em certa idade, muitas crianças têm medo do escuro. O perigo espreita no escuro, onde não se pode exercer controle visual; portanto, as coisas ficam inseguras. Muitas vezes, o escuro pode ser tolerado somente se a porta fica aberta só uma frestinha, de modo que a mãe possa correr em ajuda da criança no caso de perigo.

Pela minha experiência, vejo que é característico da fragilidade do ego que a insegurança seja acompanhada por um medo quase insuportável. A pessoa não consegue suportar e aceitar o elemento insegurança. É ameaçador demais para o ego frágil que tenta cercar-se de salvaguardas e limita-se à ação defensiva. A luta de dragões contra Tiamat e Uranos, isto é, contra a mãe e o pai, termina na construção de uma Muralha da China ou de uma Linha Maginot. Isso bloqueia o desenvolvimento e o fortalecimento da personalidade. A análise freudiana está, portanto, primordialmente interessada em desfazer os mecanismos de defesa que se expressam na resistência. Penso que, em última análise, temos algo semelhante na terapia junguiana, para iniciar o processo de fortalecimento do ego. Mais sobre isso adiante.

O ego tem a possibilidade de evitar o medo insuportável da insegurança interna e externa de modos muito diferentes. Escolhi apenas alguns exemplos típicos dentre as infinitas possibilidades e variações:

a) Há a possibilidade de que uma pessoa com um ego frágil busque apoio constante na mãe, mas algumas vezes também no pai. Se, por quaisquer razões, elas não conseguem esse apoio de seus pais, buscam pais substitutos, tais como homens paternos ou mulheres maternos nos quais possam se apoiar. Como crianças pequenas que têm, naturalmente, medo do escuro ou da ausência de seus pais, essas pessoas não agüentam ficar sozinhas. São simplesmente tomadas de pânico, como tenho observado com vários analisandos. Um jovem de 24 anos cujo pai morrera quando ele tinha dez e que tinha desde então crescido com sua mãe e sua avó, veio me ver porque entrava em pânico toda vez que tinha de deixar sua mãe por mais de um dia. Tinha de vomitar, e enquanto estava ausente, ficava constantemente com medo de perder o controle de si mesmo e desmaiar. Só quando estava com sua mãe, sentia-se mais ou menos seguro. Ela devia funcionar como sua Linha Maginot, confortando-o e aliviando-o de muitas tarefas diárias (Alltagsaufgaben) das quais ele devia cuidar por conta própria. Sempre que tinha de deixar sua mãe, sentia que era a bola de brinquedo do caos que ameaçava tomar conta dele, roubando seu controle egóico e fazendo com se sentisse tonto. Era capaz de cumprir seu trabalho rotineiro, desde que tudo corresse normalmente. Tão logo algo acontecesse algo que estivesse fora do ordinário, entrava em pânico. Outra manifestação típica era que não ficava apenas terrivelmente amedrontado de sua própria insegurança, mas seu medo de que sua insegurança pudesse ser notada poderia, portanto perder prestígio era igualmente grande. Isso significava que, aos olhos da sociedade, insegurança é uma desgraça e tem de ser supercompensada na maior extensão possível, de modo a evitar que qualquer pessoa note. O ego tem a tarefa adicional de esconder sua própria insegurança. Isso reforça os medos, com o efeito de que se fica duplamente inseguro, assim perdendo qualquer gota de espontaneidade nos relacionamentos sociais. Esse, então, é o ego frágil que é compelido a encontrar segurança por meio da *dependência*. Esse tipo de ego frágil está em busca constante de uma mãe ou de uma mãe substituta à qual se possa ligar. Como um bebê, chora constantemente pela ajuda da mãe. É significativo que não possa dar nada a outras pessoas, não possa construir um relacionamento adulto. Abusa da pessoa que o cerca em seu próprio benefício. É também típico que tal ego não possa manter qualquer segredo. A menor tensão não pode ser tolerada. Meu analisando tinha sempre que contar imediatamente nossas discussões analíticas à sua mãe - e foi um grande progresso quando começou a manter certas coisas para si próprio.

b) Há a possibilidade para o ego frágil de manter-se mais ou menos seguro tentando *isolar-se* tanto quanto possível de tudo que traga insegurança ou perigo. Essas pessoas não ousam entrar em relacionamentos humanos porque constituiriam um risco grande demais. Estou pensando, para dar um exemplo, em um jovem que veio me ver. Até mesmo seu aperto de mãos revela muito. Ele estende sua mão, mas então a recolhe o mais rápido possível. Também tinha muita dificuldade de me olhar direto nos olhos e estabelecer contato visual. Era extremamente não relacionável, e não tinha nenhum relacionamento com outras pessoas, nem relacionava-se consigo próprio. Entrou em análise porque corava e suava frio. Aos 26 anos, jamais tinha tido um relacionamento com uma garota. Apesar de ocasionalmente sair com amigos masculinos, sempre tinha medo de corar ou suar quando certos tópicos eram discutidos. Ele então imaginava que seus amigos notariam como era inseguro e ingênuo, pois nunca tinha tido uma relação sexual. Em seus relacionamentos com outros jovens, constantemente comparava-se a eles e sempre chegava à conclusão de que era vastamente inferior, mas ninguém deveria notar isso. Inconscientemente, estava fortemente

ligado a seus pais, especialmente sua mãe; mas mesmo em relação a ela era extremamente reservado. Seus pais eram católicos rígidos, e ele, igualmente, *usava* seu catolicismo para justificar seu medo de mulheres. Afinal, era imoral tocar uma mulher. Todavia, sofria terrivelmente com seu isolamento e também com suas inclinações sexuais frustradas. Ainda muito cedo em sua vida, sua mãe tinha abusado do catolicismo como um Instrumento de sua própria neurose. Ele lembrava que mesmo quando pequeno, sua mãe só lhe dava banho se vestisse calção de banho na banheira. Seu órgão sexual não podia ser visto, tocado ou lavado. Pode-se imaginar como isso foi devastador para o desenvolvimento de sua masculinidade. A mãe rejeitou seu pênis, e até hoje ele sente que as mulheres têm de rejeitar seu pênis no sentido mais amplo da palavra. A possibilidade de tal rejeição, que ele experienciaria como um desastre, tinha, portanto, tem de ser evitada a todo custo. Por outro lado, ninguém poderia notar que ele também tem uma inclinação sexual, uma vez que é uma desgraça; e, por outro lado, ninguém devia notar que ele é tão ingênuo e inexperiente, pois isso desvalorizá-lo-ia aos olhos dos outros. Pode-se ver seu círculo vicioso. Por muito tempo, constantemente tinha de se defender contra figuras masculinas violentas e agressivas em seus sonhos. A agressividade masculina natural é, evidentemente, alheia ao seu ego e, portanto, constitui um perigo. - Seu ego só tinha a possibilidade de se desenvolver em nível intelectual. Tinha um diploma universitário e um emprego -técnico de alto nível. Entretanto, queixou-se, por muito tempo, de falta de concentração. Esse exemplo ilustra o caso de um ego que busca refúgio da ameaça de insegurança no isolamento. Clinicamente, falaríamos de uma personalidade esquizóide.

c) Poderíamos, como uma outra possibilidade, referir ao ego que evita a insegurança atirando-se de ponta cabeça às realizações. Sou o que posso fazer. Há, de fato, algo que poderíamos chamar de neurose da eficiência. Na Suíça, temos as famosas donas-de-casa que constantemente têm de se ocupar com seus lares. A menos que possam constantemente limpar, lavar ou cozinhar, sentem que não têm o direito de existir. É uma compulsão. Sou particularmente alérgico a tais mulheres, porque seu modo agressivo de bater tapetes em uma hora que para mim é o meio da noite me acorda de meus sonhos. E então, quando marcho furioso até a janela, o que é que eu vejo? Uma vizinha frenética com um xale sobre a cabeça extravasando sua neurose de eficiência em um pobre capacho. Muitas vezes, e bastante típico dessas mulheres que, apesar de estarem constantemente limpando a casa, negligenciam seus próprios corpos além da medida. Talvez queiram que outras pessoas sintam o cheiro de sua transpiração para que todos notem como trabalharam sem parar e eficientemente o dia todo. E então, muitas donas-de-casa no sentido pleno da palavra, ficam a se perguntar por que seus maridos chegam em casa tarde todos os dias e, sempre que podem, batem em retirada.

Também conheci um homem talentoso que era gerente de uma grande firma com muitas filiais. Sofria da ilusão de que era completamente indispensável. Levava trabalho para casa até nos fins de semana, e só queria tirar férias em um lugar onde a firma tivesse uma filial, para que pudesse constantemente manter-se informado e dar ordens. O trabalho era a única coisa que justificava sua vida. Morreu de ataque cardíaco aos 50 anos de idade.

Como sabemos, o trabalho de fato fortalece o ego, mas quando se toma uma compulsão, podemos estar certos de que é usado como um meio de defesa contra o medo. O sentimento de que minhas realizações, isto é, de que eu não sou necessário de vez em quando, seria catastrófico para a razão de viver presumida de tal estrutura egóica. Essa é a razão pela qual tais pessoas sempre precisam tomar-se indispensáveis; de outro modo os fundamentos de seu ego frágil se desintegrariam. A medida que o trabalho é *altamente* valorizado de nosso ponto de vista coletivo, em nossa sociedade um ego desse tipo sente-se apoiado e bem ajustado. Em termos clínicos, essas pessoas seriam consideradas compulsivas - elas constantemente têm de violentar sua vida inteira; A faxina constante e desnecessária de algumas mulheres é indicativa de um elemento que envolve neurose compulsiva. Mas a teoria da neurose não é nosso tópico e não creio que devêssemos nos estender em considerações dessa natureza.

Até aqui discutimos as possibilidades para uma sobrevivência estreita que o ego frágil pode tentar criar em face da ameaça de insegurança. Pelo menos nesses casos, o ego se defende. Entretanto, em alguns casos de fragilidade do ego, o ego nem pode nem quer lutar para se defender. Nesse contexto, estou pensando no alcoolismo e outras formas de vício, bem como na instabilidade sexual.

d) O ego é simplesmente tomado pelo vício e não está em condições de oferecer qualquer resistência. Usualmente, o que está envolvido, é uma fuga da luta pela sobrevivência. Apesar de o ego saber que não deve se entregar ao vício, esse conhecimento não tem serventia. No caso do alcoolatra, muitas vezes observei que muito pelo contrário uma recaída pode ocorrer como resultado desse conhecimento, que muitas vezes manifesta-se na forma de má consciência ou sentimentos de culpa. Em certos estados de ânimo, algumas vezes na depressão, essas pessoas defrontam-se com sua má consciência, seus sentimentos de culpa, que são insuportáveis; e então têm de afogar sua má consciência uma vez mais no álcool. Assim, um círculo vicioso é armado. Todos os vícios são indicativos de... uma regressão mais ou menos te ao dragão do caos, Tiamat, à medida que substancialmente diminuem o nível de consciência.

A diminuição do *niveau mental* pode também levar a uma experiência rica e interessante do inconsciente, como aprendemos com os poetas que descreveram suas experiências com LSD e mescalina. Penso principalmente em *As portas da percepção*, de Aldous Huxley. Foi isso o que, afinal, induziu várias pessoas a ter indulgência para com a diversão existencial ou uma viagem interessante por meio das drogas. É um fenômeno que não está necessariamente baseado na fragilidade do ego, mas que pode ser muito perigoso para pessoas cujo ego é frágil ou que são psicóticos latentes, do mesmo modo que qualquer outra viagem ao inconsciente. Por outro lado, se a experiência é elaborada adequadamente, pode ser extraordinariamente enriquecedora para a consciência, e, sob controle, é muitas vezes usada na psiquiatria. Mas esse é apenas um comentário colateral

O ego tem a possibilidade de evitar o medo insuportável da insegurança interna ou externa de modos muito diferentes. Escolhi apenas alguns exemplos típicos dentre as infinitas possibilidades e variações, e estava descrevendo até agora quatro estruturas egóicas.

- a) Há um ego que tem de constantemente apoiar-se nas pessoas que o cercam e que se tornam figuras paternas ou maternas. Poderíamos chamar esse ego, que tenta encontrar segurança por meio da dependência, de “ego dependente [clinging]”. Como exemplo, apresentei-lhes o caso de um jovem que era tomado pelo pânico quando tinha de se afastar da mãe e de seu ambiente usual por mais de um dia.
- b) Estivemos falando sobre o ego que tem de se isolar porque qualquer relacionamento se torna muito ameaçador. Poderíamos chamar essa fragilidade de “ego retirante [withdrawing]”. Encontramos isso na imagem clínica das personalidades esquizóides. Como exemplo, falamos do jovem com os sintomas de enrubescimento e transpiração, cuja mãe havia rejeitado seu pênis de modo patológico
- c) Mencionei o ego orientado pela realização, que usa a eficiência como uma defesa. O trabalho torna-se uma compulsão. Serve para fugir de si mesmo. Tal ego só se sente seguro se pode se sentir indispensável e imagina que sua eficiência particular é insubstituível. Como exemplo, apresentei-lhes o gerente de uma grande firma, que só conseguia tirar férias em um lugar onde sua firma tivesse uma filial. Tinha que se sentir indispensável à sua firma. Morreu de ataque cardíaco aos 50 anos de idade.

Nesses três casos, o ego está se defendendo. Quer sobreviver, mesmo que sobre uma base estreita.

Mas em alguns casos de fragilidade do ego, o ego nem consegue nem quer lutar ou se defender. Simplesmente entrega-se ao dragão do caos, Tiamat, o que usualmente tem um efeito destrutivo, como no alcoolismo, vícios em drogas e instabilidade sexual. Evidentemente, também é comum encontrarmos elementos de apego a figuras paternas ou maternas em tais casos - mas essa defesa usualmente não tem estabilidade suficiente. O elemento da eficiência é usualmente muito fraco em casos de alcoolismo e vícios. Pode ter, entretanto, um efeito na forma de má consciência, de sentimentos de culpa. Essa má consciência é também insuportável e tem de ser uma vez mais afogada no álcool. Mas lembro de -um paciente que -muito -freqüentemente era -tomado por fortes impulsos homossexuais. Nesse estado, tinha que caçar parceiros sexuais diferentes nos parques escuros e em banheiros masculinos. Fez sexo com policiais e com dois guardas no trem que pegava para ir ao trabalho, com seu carteiro, etc. Era um jogo bastante perigoso que o fascinava e amedrontava ao mesmo tempo. Quando vinha para sua sessão, primeiramente tinha de discutir comigo se tinha sido suficientemente eficiente em seu trabalho antes que pudesse falar de suas aventuras. Ser eficiente dava-lhe um sentimento importante de auto-estima e uma consciência melhor de si, o que servia para contrabalançar seu comportamento sexual indiferenciado.

CONFERÊNCIA VI

Hoje temos a última conferência. Gostaria de, uma vez mais, resumir sucintamente alguns dos principais aspectos do fato psicológico complexo que chamamos de ego Jung entendia o ego como o centro de nossa consciência, em contraste com o Self, que denominou de centro hipotético de nossa personalidade como um todo. Tudo de que somos conscientes está relacionado ao complexo egóico, e todos os conteúdos da psique que não estão relacionados ao ego são, portanto, inconscientes. Surge a questão: Por que, em última análise, temos de nos preocupar com desenvolver a consciência egóica? O antropólogo Arnold Gehlen acredita que a consciência tem de tomar o lugar de nossa falta de instintos. O homem pré-histórico, com certeza, não seria capaz de sobreviver contra os animais selvagens sem a habilidade de fazer fogo, produzir armas, e assim por diante. O homem é mais ou menos forçado pela natureza -humana a criar um mundo humano, um mundo civilizado, tendo obrigações apenas para com a inclinação à autopreservação. Em contraste com os animais, cujos meios de funcionamento são organizados e assegurados por seus instintos, o homem é uma criatura liberta dos laços naturais; mas por causa disso, também é vulnerável. E por natureza imperfeito, o que toma sua primeira tarefa a de se tornar humano, isto é, desenvolver a única coisa que é especificamente humana: a consciência egóica. Essa é uma tarefa que pode muito facilmente resultar em fracasso, como pudemos ver pelas milhares de dificuldades encontradas na criação dos filhos e pelos problemas confrontados diariamente nos consultórios de psicologia. A tarefa árdua e intrincada de desenvolver o ego é, portanto, simbolizada, na mitologia, pelo herói e suas lutas. Certos heróis, como o babilônio Marduk, são símbolos do núcleo arquetípico do complexo egóico. A possibilidade e a necessidade do desenvolvimento do ego e suas fases decisivas estão arquetipicamente predeterminadas. Uma sólida consciência egóica, ou complexo egóico, pode ser alcançado apenas por meio de experiências pessoais no mundo. O paradoxo da questão é que, de um lado, a natureza estimula e fomenta o desenvolvimento do ego por meio da energia que Neumann denominou de automorfismo. E, de outro lado, repetidamente retarda e evita seu desenvolvimento. O ego tem de, portanto, lutar para superar a natureza, que a mitologia retrata como a batalha contra o dragão. O alquimista disse: A natureza conquista a natureza, O homem, por sua própria natureza, é uma criatura de conflito. O desenvolvimento do ego sempre perturba o todo, a totalidade, começando com a diferenciação dos opostos. Como resultado do ego, uma cisão entre sujeito e objeto acontece, uma cisão entre o ego e o mundo, entre o ego e o inconsciente. A tarefa do ego é dividir, distinguir e diferenciar. É capaz de desviar, canalizar e tornar significativa a natureza psíquica interna, bem como a natureza externa. Isso é tanto necessário quanto perigoso para uma existência verdadeiramente humana. Quando violentada, a natureza se vingará de muitos modos - seja por meio da poluição da água e do ar resultantes do progresso tecnológico ou por meio dos efeitos sobre a psique resultante de neuroses severas e outras doenças. Aqui, também, o aspecto bilateral de nossa consciência egóica, em conjunto com sua altamente valorizada liberdade, se revela. Apenas com o desenvolvimento do ego, a sombra passa a existir para seguir diretamente seus calcanhares em qualquer passo adiante. Essa é a razão pela qual a consciência da sombra é tão vital, pois ela de algum modo refreia a hybris do ego. Não podemos nos arranjar sem o ego, entretanto, mesmo que ele sempre provoque o crescimento simultâneo da sombra. Em última análise, o ego não é um fim em si próprio, mas pode ser pensado como o órgão psíquico que visa conformar a multiplicidade dos mundos interno e externo. Não existe somente para seus próprios fins, mas, ao invés, tem tarefas que tem de desempenhar. E, contudo, sem o ego, a tarefa de tornar-se humano não seria possível. O ego é chamado a desempenhá-la - e essa é a razão pela qual falamos em descobrir nosso chamado. Nosso ego tem de se dedicar a uma tarefa. Somente devotando-se a ai go maior, algo transpessoal, adquire um sentimento de satisfação, de estar realizado, de ter encontrado um significado na vida. Todos têm que executar tarefas - por menores que sejam - que transcendem seu mero egoísmo. Por fim, temos de ter o sentimento de estar aqui na terra por um propósito; de outro modo a vida nos parece sem sentido.

A auto-realização, a individuação, é a tarefa última e mais importante do ego. Entretanto, esse processo não ocorre em um vácuo. Envolve tarefas muito reais que estão relacionadas ao nosso meio e aos nossos semelhantes. Por fim, o ego tem de fazer a vontade de Deus - como diz a oração ao Senhor: Seja feita vossa vontade. Em termos psicológicos, isso significa que o ego tem de buscar reconhecer e aceitar seu destino, ou o Self, e conscientemente incorporá-lo ou, em outras palavras, transformá-lo em realidade. Parece que em nosso ser mais interior, a natureza ou Deus quer o processo da consciência, uma vez que - como Jung salientou - o Self cria sua própria antítese na forma do ego, com o propósito de conhecer a si próprio e o significado de sua existência. A conquista do grau mais alto possível de Consciência, portanto, em última análise, pareceria ser a tarefa mais significativa e importante do ego.

Para realizar essa tarefa, nosso ego requer um alto grau de continuidade tempo e espaço e as quatro funções da consciência, que Jung analisou. Possui um certo montante de energia, que pode canalizar à sua vontade em várias direções, e isso é o que chamamos de "livre arbítrio". Luta por segurança, autoridade e reconhecimento. Como é, em certa medida, a fonte de nossa liberdade, também é responsável por nossas decisões e por nosso senso de responsabilidade. Isso acarreta muitos problemas, conflitos e insegurança. A consciência egóica tem de, portanto,

também estar em uma posição na qual possa permanecer firme e assimilar tensões, medos e conflitos, isto é, tem de incluir a habilidade de sofrer, que é um aspecto essencial da condição humana. Para que a personalidade amadureça, o ego tem de ser suficientemente corajosa para abrir-se a todas as possibilidades da existência e da experiência que são fornecidas pela vida.

É típico da fragilidade do ego que todo elemento de insegurança, todo risco seja acompanhado por um medo quase insuportável. Um ego frágil sente-se seriamente ameaçado por certas experiências que são parte e parcela de uma vida plena. Essa é a razão pela qual desenvolve mecanismos de defesa e toma posições defensivas. Não pode superar o dragão na batalha e limita-se à defesa -de seu pequeno território. Constantemente, tem de assegurar sua posição, uma vez que a aceitação consciente da insegurança envolvida na- existência-humana seria aterrorizadora demais.

Em todas as fragilidades mencionadas, o ego ainda está identificado consigo próprio. Todo mundo está ciente de quem é. Entretanto, há também (e) distúrbios de identidade do ego, propriamente falando. São mais agudos em algumas formas de esquizofrenia. Como vocês sabem, durante uma fase aguda, o esquizofrênico pensa que é uma pessoa totalmente diferente da que é. Tem delusões de ser Napoleão., o médico, o sol, o paciente da sala ao lado, Jesus Cristo ou mesmo Deus. Em um recanto de seu ser, entretanto, também sabe que *não* é uma delusão de pessoa. Essa é a razão pela qual falamos de uma cisão, ou esquizofrenia. Como Jung salientou, a esquizofrenia consiste em ser tomado pelo inconsciente, algumas vezes na forma da identificação do ego com o Self, como no caso de pacientes que pensam que são deus.

Do ponto de vista da psicologia do ego, poderíamos falar de uma divisão ou cisão do núcleo do ego. Isso significaria que apenas uma pequena parte do núcleo do ego conseguiria reunir experiências pessoais, processá-las e assim transformá-las em algo produtivo. Podemos também falar, portanto, de um distúrbio ou doença da função interpretativa. Em tal estado de divisão,-o ego não está em condições de processar o material dos mundos interno e externo, de distinguir entre entidades separadas, uma vez que outra parte do ego, por assim dizer, apoia-se nas contracorrentes inconscientes. Essa é a razão para o bem conhecido “tanto isso quanto aquilo”, a ambivalência do esquizofrênico. E isso explica por que os psicoterapeutas muitas vezes têm o sentimento, quando lidam com esquizofrênicos, de que suas emoções, proferimentos e pensamentos simplesmente não formam um conjunto, estão todos pairando no ar. Há partes ou áreas das quais podemos dizer justificadamente que são reais, mas que são muito pequenas para se integrarem via introspecção. Algo bastante fundamental na coesão do ego está perturbado.

Em um grau menos grave, parece-nos que a assim chamada personalidade histérica também sofre de um sentido perturbado de identidade. Em tais casos, entretanto, o núcleo do ego está intacto, mas é fraco e não está enraizado. A personalidade histérica é revelada muito mais no fato de que tal pessoa tem de constantemente desempenhar um papel, tem de, em certa medida, identificar-se com uma fantasia interna. O distúrbio egóico) é de natureza superficial, e no entanto tais pessoas muitas vezes não sabem *quem* elas verdadeiramente são. É mais uma questão de inconscientemente não querer saber quem efetivamente são, e assim tentar escapar das limitações do ego. A necessidade de auto-afirmação usualmente está ligada a esse desempenhar papéis; tais pessoas querem impressionar tanto a elas próprias quanto as que as cercam. Poderia, como exemplo, mencionar uma paciente na qual esse comportamento era muito óbvio. Possuía um repertório inteiro de papéis que desempenhava para me impressionar. Quando veio pela primeira vez á análise, era o “caso mais interessante”, e estava ameaçada por uma doença mental. Depois era a -adolescente - apesar de ter quase 40 anos - companheira de suas filhas, com as quais trocava roupas. Também fazia o esforço de ajudar os namorados de sua filha ficarem à vontade ou desempenhava o papel de rival -de sua filha. Outro papel era o de *femme fatale*, que seduzia todos os homens à volta. Um dia ficou maravilhada em saber que alguém a chamara de bruxa, papel do qual gostou. Também sentiu uma vez que teria de adoecer na cama, a mulher enferma, negligenciada, solitária, que todos, mesmo o analista, negavam. Um dos seus papéis favoritos era a de mártir, casada com um bêbado que batia nela. E outro era o de intelectual, que literalmente devorava os livros de Jung. Era ou a mãe feliz ou a mãe culpada que fazia tudo errado -para suas crianças. Quando, por meio da análise, finalmente teve de admitir sua teatralidade, adquiriu um novo papel: a de mulher infeliz que sempre tinha de desempenhar-papéis! Se alguma vez chegássemos perto de algo importante durante a sessão, já estava completamente esquecida disso na sessão seguinte - a menos que, -por acaso,- isso correspondesse ao -papel que então - passara a desempenhar. Aconselhei-a a entrar em um grupo de teatro amador, de modo a canalizar sua necessidade de representar. Na realidade, uma saída na sociedade, para a personalidade histérica é o teatro. Creio que tanto os atores quanto os cantores de ópera têm de ter um caráter algo histeróide para serem capazes de dominar a arte exibicionista de representar, e gostar dela. Durante sua infância e adolescência, essa mulher tinha vivido em não menos de 20 lugares diferentes. Sua -mãe consumira cinco maridos nesse meio tempo, divorciando-se de todos. Pode-se facilmente imaginar a contribuição desse cenário para a necessidade de estabelecer a própria identidade. Naturalmente, a paciente sentia-se terrivelmente insegura e combatia essa insegurança desempenhando papéis interessantes.

Esses são alguns poucos exemplos que mostram como a fragilidade do ego pode se manifestar.

Gostaria agora de comentar as *causas* da fragilidade do ego. São, é claro, tão variadas quanto o número de pessoas nas quais há fragilidade do ego. Em outras palavras, a causa é diferente em cada caso. Não há nenhum conjunto de condições causais específico a partir dos quais a fragilidade do ego se desenvolva. Vocês sabem, é claro, que duas pessoas que vivam sob as mesmas condições desfavoráveis podem se desenvolver de modos completamente diferentes. Um fator um tanto desconhecido é sempre a assim chamada disposição psicológica do indivíduo, seu fator constitutivo. Algumas crianças são por sua própria natureza mais resistentes à frustração e a condições externas difíceis do que outras. Por meio da análise, uma pessoa pode ser ajudada a se tornar apenas o que sua disposição quer que ela se torne. Apenas o potencial que um indivíduo possui pode ser desenvolvido. Ninguém jamais fez um touro de uma ovelha. Há definitivamente um certo limite. Jung diz corretamente que a quantidade de energia dentro da psique permanece constante. Portanto; se a consciência - e isso é verdade no caso de um ego frágil - tem pouca energia à sua disposição, a maior parte da psique permanece sob controle de complexos inconscientes e suas energias, apesar delas poderem ser liberadas pela análise. A quantidade total de energia varia, entretanto, de indivíduo para indivíduo. E como se um certo potencial de vitalidade fosse inato. Além disso, a constituição física difere de pessoa para pessoa, e muitos aspectos psíquicos são assim uma~ questão de constituição também. Mas, do mesmo modo que uma planta requer certas condições climáticas e um certo solo de modo a aderir à sua lei interna de desenvolvimento, assim também uma pessoa especialmente na infância - precisa de um meio ambiente que permita e nutra seu desenvolvimento egóico próprio e único. No trabalho analítico, vemos, portanto, que no caso de indivíduos com egos frágeis, certos fatores ambientais em suas infâncias retardam severamente o desenvolvimento do ego. No caso de psicopatas e esquizofrênicos, em que a fraqueza do ego é em maior medida inerente, certos fatores ambientais infelizes usualmente também estão presentes, o que torna muito difícil determinar, mesmo nesses casos, se trata primordialmente de uma questão de constituição ou de meio adverso. A fragilidade do ego em adultos é, portanto, normalmente resultado de uma circunstância ou evento ligado a uma certa época da vida que retardou ou perturbou ou prejudicou o desenvolvimento do ego.

Em minha prática profissional, observei que problemas muito sérios de fragilidade do ego remontam à relacionamentos mãe-filho perturbados durante o primeiro ano de vida. O sentimento básico de segurança ou insegurança e ansiedade é determinado já nessa época. A criança é entregue, para melhor ou para pior, à mãe ou a uma mãe substituta. Nesse primeiro estágio, o arquétipo do Self, que regula o desenvolvimento do indivíduo, inclui a mãe e a experiência da mãe. Poderíamos dizer que o Self é projetado na mãe. Ela é a pessoa superior, a deusa da vida e da morte, de cuja proteção e caridade nutricional depende a vida da criança. Todo o relacionamento inicial com a mãe não incita um sentimento de segurança. Sem tal relacionamento, o resultado é um profundo sentimento de ansiedade, de ser ameaçado, de não ser aceitável e não ter valor. Não ser amado significa para a criança descobrir-se anormal e ser condenada. Essa é a razão pela qual muitas vezes vemos em tais pessoas sentimentos muito intensos de culpa, além dos de ansiedade extrema. Basicamente, sentem-se culpadas por terem nascido algo nelas parece lhes negar o direito à vida. Nos sonhos dessas pessoas, tenho visto freqüentemente que figuras maternas terríveis, grosseiramente exageradas, tentam prendê-las ou matá-las. O arquétipo da mãe assume um papel puramente destrutivo. Uma paciente me perguntou se ela era realmente um ser humano, se pertencia à raça humana. Sua mãe tinha sido profundamente perturbada psicologicamente e era hostil à minha paciente desde o nascimento. Durante os primeiros estágios de sua análise, constantemente produzia sonhos nos quais era aprisionada em um galinheiro ou era uma vaca ou um coelho, mas nunca um ser humano como os demais.

Em tais pessoas, o sentimento de ter o direito de ter pretensões na vida expressa-se por meio da atitude religiosa correspondente, como tenho sido capaz de observar em diversas ocasiões. Para elas, Deus é uma entidade muito viva, mas apenas em Seu aspecto punitivo e vingador. Para um paciente, o Juízo Final era a única verdade divina. Vivia com medo constante do juízo de Deus, especialmente quando o demônio infestava-o com desejos sexuais. A paciente mencionada anteriormente acreditava que esse era o papel dado a ela por Deus, e que ela estaria pecando se lutasse por uma vida melhor ou diferente. Disso, pode-se ver como no caso de tais indivíduos, tanto o mundo externo quanto o mundo psíquico arquetípico são experienciados apenas como algo ameaçador. Em tal situação, como pode um ego se estabelecer? O ego em ambos os pacientes que mencionei era somente um escudo, um "mecanismo defensivo. Por exemplo, o mundo externo era algo tão ameaçador que nenhum dos dois era capaz de manter-se em um emprego por muito tempo. Cheios de ansiedade, eles sempre tinham de se retirar, e, por razões psicológicas, tomavam-se incapazes de trabalhar. Ambos os pacientes eram crianças não queridas cujas mães reagiam com hostilidade para com eles. Por meio da terapia, os egos de ambos puderam ser fortalecidos um tanto, pelo menos ao ponto de agora serem capazes de trabalhar. A fragilidade do ego nesses dois casos, portanto, era determinada construtivamente apenas em um grau muito pequeno. Primeiramente, houve a experiência inicial e produtora de ansiedade com a mãe, que jamais pôde ser superada em seu desenvolvimento posterior. Mesmo depois do primeiro ano de suas vidas, a mãe continuava hostil e o pai ou não tinha peso algum, era dominado pela mãe, ou, no outro caso, enclausurou-se em seus próprios *imbroglios* esquizóides. Quando as crianças entraram na escola, o sentimento de rejeição estava tão profundamente enraizado que o contato normal com outras crianças e com seus professores não era mais possível. Seus anos escolares, portanto, foram experienciados como mais um período de rejeição. As crianças podem ser cruéis, decerto, e colegas que vivem com medo e tremor são realmente objeto de

implicâncias e gozações. Não é usual- que os próprios professores careçam completamente de compreensão para com tais crianças governadas pela ansiedade, assim conduzindo-as para -cada vez mais longe em seu -isolamento. Elas experienciam sempre e repetidamente que o mundo exterior é hostil e que elas próprias não têm nenhum valor nele. Uma barreira de desconfiança .é assim erigida e o ego não é mais capaz de ter uma perspectiva realista do meio. As atitudes de seus semelhantes são sempre consideradas do ponto de vista da suspeição e da desconfiança. Por trás de tudo, assumem que um ato hostil ou ridículo está sendo dirigido contra elas. Essa atitude acompanha tais indivíduos à análise e nos seus relacionamentos com o analista. É extremamente difícil quebrar essa barreira ou contorná-la. Frequentemente, essa constitui a primeira tarefa da análise, que pode levar anos. Mas se um relacionamento viável pode ser estabelecido, o antigo padrão é quebrado e o lento processo de redesenvolver o ego pode começar.

Esse tipo de distúrbio no relacionamento primário pode conduzir a casos altamente patológicos de fragilidade do ego. Evidentemente, -não é *sempre* o relacionamento com a mãe real que fornece a base para a insegurança e para o sentimento de ser abandonado a um mundo hostil já no. primeiro ano de vida. Por exemplo, a doença física pode até mesmo aparecer na primeira infância e causar dores e desconfortos que nem mesmo a mãe consegue amenizar. Talvez a criança tenha de ir para o hospital. Uma vez que a criança pequena não consegue distinguir entre si própria e a mãe, entre o interno e o externo, é o arquétipo da mãe, a mãe natureza, que parece negativa e ameaçadora em tais casos. Uma mãe habilidosa e empática pode muitas vezes desfazer essa ansiedade depois da doença se dissipar, e restaurar o sentimento de segurança na criança. Se vocês estão interessados nos problemas do relacionamento primário e do primeiro ano de vida, gostaria de referir a vocês o artigo de Erich Neumann, publicado na *Spring* de 1966, intitulado “Narcissism, Normal Self-Formation and the Primary Relationship to the Mother” [“Narcisismo, formação normal do Self e o relacionamento primário com a mãe”]. E também seu livro chamado *The Child [A criança]*. Outro livro muito legível, que é talvez mais prático, é o de René Spitz, *The First Year of Life [O primeiro ano de vida]* (New York, International University Press, 1965). Também: Erik Erikson, (*Childhood and Society [Infância e sociedade]*) (New York, W. W. Norton & Co., 1963).

Distúrbios severos no relacionamento primário podem ser a causa de casos de fragilidade egóica muito graves e patológicos. O que chamamos de complexo paterno, complexo materno, puer aeternus, e assim por diante, frequentemente manifestam-se por meio de um grau de fragilidade egóica correspondente. O ego, em tais casos, não teve sucesso em sua luta para se separar do pai e da mãe. As razões para -isso podem ser deduzidas apenas da história de vida do indivíduo cujos sonhos muitas vezes nos dão dicas específicas sobre seu passado. Por exemplo, se os pais tentam proteger seus filhos de todas as dificuldades, defendendo-os da vida, assim evitam que seus filhos enfrentem a vida e o meio. Tais crianças não -têm a oportunidade de provar sua própria coragem e de exercitar seus músculos psíquicos, por assim dizer, para o confronto com a vida. Como vocês sabem, nossos músculos psíquicos requerem tanto treino quando os físicos. Por trás da atitude de mimar e proteger por parte dos pais, muitas vezes vemos uma necessidade inconsciente de poder. -Desse modo, as crianças -permanecem dependentes e imaturas por um período de tempo maior. Estão constantemente sujeitas à orientação e aos conselhos de seus pais, e o pai e a -mãe amorosos têm muito prazer por estarem presentes e serem significativos para seus filhos. Já vi casos em que os indivíduos são mimados e protegidos por um pai mole e extremamente compreensivo. Nos sonhos dessas crianças, a figura do pai muitas vezes aparecia como um ladrão, um *gangster* ou um assaltante que tenta matar o ego. O aspecto aterrorizador do macho está, portanto, escondido tanto na sombra de tal pai quanto na da criança. A agressão tem de ser reprimida não se pode ser agressivo com relação a um pai compreensivo e protetor. Assim, a agressão direciona-se contra o próprio ego da criança, o que leva à ansiedade, depressão e sentimentos de inferioridade. O *gangster* é ao mesmo tempo o pai amoroso, que na verdade retarda o desenvolvimento do ego. Entretanto, tal pensamento seria considerado um pecado contra tal pai. Creio que esses -poucos exemplos das causas possíveis da fragilidade do ego são suficientes para nossos propósitos.

Gostaria agora de dizer algumas palavras sobre a psicoterapia e a fragilidade do ego. Como vocês sabem, a psicoterapia junguiana não estabelece regras, métodos ou teorias fixas. Isso nos dá uma grande liberdade para tratar cada indivíduo com base em suas próprias características psíquicas. Somos muito cuidadosos em não nos aproximarmos de um indivíduo de modo rotineiro, sob a influência de idéias preconcebidas, e, portanto, de não aderir a qualquer plano terapêutico pré-estabelecido. Tal abordagem, entretanto, torna difícil fazer quaisquer afirmações *aplicáveis, em geral* sobre a psicoterapia. A situação é diferente em cada caso. Fazemos todas as tentativas para chegar á raiz da lei de desenvolvimento interna e pessoal do analisando, e estabelecer a atitude consciente necessária para essa lei tomar seu curso apropriado.

Por outro lado, há certas constelações típicas que se repetem em muitos casos. Podemos dizer com uma boa quantidade de certeza que um ‘ego dependente’ logo se apegará ao analista, -que um “ego retirante” irá se afastar da relação com o analista, e que um “ego orientado pela realização” - contanto que a análise venha a ser procurada - considerará a análise como um meio de aprimorar sua performance. A personalidade histórica considera o analista como seu público espectador, e assim por diante. Se, com o progresso da análise, uma contracorrente compensatória é ativada em tal medida que uma pessoa com ego dependente subitamente expresse agressividade em relação ao analista, uma pessoa com um ego retirante não mais -possa negar a ligação próxima com o analista,

urna pessoa com um ego orientado pela realização subitamente sinte-se incapaz, e uma pessoa histérica cede e se dá conta do seu verdadeiro vazio então isso é um sinal de que a terapia está tendo efeito, mesmo que o paciente possa inicialmente sentir-se bastante perdido.

Isso nos traz à questão da *transferência* na análise, que é muitas vezes um fator decisivo para a terapia. Temos de lembrar que o medo, acima de tudo, é o fator que evita que o ego funcione normalmente e bloqueia seu desenvolvimento. O oposto do medo é a coragem, e para ganhar coragem precisamos de autoconfiança. A maioria dos indivíduos com egos frágeis têm pouca ou nenhuma autoconfiança; não têm confiança nas suas reações psíquicas, e sim medo: Ademais; tais indivíduos muitas vezes também não têm confiança nos outros. Via projeção, uma falta de confiança em si é refletida em uma falta de confiança no mundo e vice-versa. Usualmente, a autoconfiança da pessoa é minada por influências adversas do meio na infância. Por outro lado, confiança demais tanto em si mesmas quando no mundo é ingenuidade e indica uma inabilidade de diferenciar, enquanto falta de confiança tende a tomar a pessoa neurótica. A confiança cega usualmente diminui durante o curso da vida por experiências amargas. Indivíduos que buscam um analista por causa de sua fragilidade egóica freqüentemente têm muito pouca autoconfiança e, portanto, muito pouca coragem para se defrontar com o desafio da vida. Não importa qual forma essa falta de confiança assuma, é minha opinião que em tais casos o fator-psicoterapêutico mais importante é o estabelecimento de uma relação de confiança entre o analista e o analisando. Isso é fácil de dizer, mas na realidade muitas vezes leva anos para-ser conquistado quando pode ser conquistado. Por outro lado, tal ligação pode acontecer bastante rapidamente. Há muitos fatores envolvidos. Antes de mais nada, o analista tem de se perguntar se ele é realmente capaz de aceitar a responsabilidade pelo caso. Tem também de honestamente examinar suas próprias reações e sentimentos com relação ao analisando para ver se pode confiar em si próprio no que diz respeito ao caso em questão. No começo da análise, não podemos saber tudo o que será exigido de nós pelo paciente e sua situação. Podemos dizer, então, que o analista tem de estar preparado honesta e conscientemente para ficar ao lado de seu paciente até que um laço de confiança possa ser estabelecido.

Do ponto de vista do analisando, não pode haver confiança real até que esteja seguro de que seu analista o aceita junto com todos seus problemas, inibições, lados sombrios presumidos e sentimentos de inferioridade. Indivíduos com egos frágeis usualmente estão na defensiva, e, como resultado, não conseguem aceitar muitos aspectos de sua psique. A maioria deles têm medo de sua sombra. Uma vez que não conseguem se aceitar, é difícil para eles compreender como os outros podem aceitá-los. Muitas dessas pessoas freqüentemente tiveram a experiência de que sua mãe e seu pai rejeitaram certos aspectos seus. Como resultado, tendem a ter uma noção, muitas vezes inconsciente, de como deveriam ser de modo a serem aceitas. Uma vez que o sentimento de ser rejeitado é normalmente acompanhado por medos intensos, revelam ao analista apenas aqueles lados que acreditam ser aceitáveis. Mesmo quando os analisandos muito rapidamente se tomam dependentes do analista, isso não indica que um relação de confiança verdadeira foi estabelecida. No caso do ego que denominei “dependente”, a agressividade do indivíduo é usualmente reprimida. Tem-se de ser uma criança boa e desamparada para que a mãe e o pai distribuam suas armas protetoras. A pobre criança não pode fazer nada sozinha tem de receber ajuda. Tais indivíduos levam a atitude de “criança boa” direto para a análise. A ajuda do analista é aceita com gratidão, e isso leva à crença de que um relacionamento de confiança mútua foi estabelecido. Nessa situação, o analista tem de ser cuidadoso para não cair em uma armadilha. Sessões com tais analisandos podem ser muito agradáveis. Eles escutam a tudo que o analista diz, ele está sempre certo e é seu salvador em momentos de dificuldade. Os sonhos são sempre escritos conscienciosamente e as interpretações são aceitas com gratidão. Em suma são pacientes ideais. A única dificuldade é que, em termos de desenvolvimento do ego, muitas vezes nada acontece. O paciente ao qual referi numa conferência anterior, o menino da mamãe, que vivia com medo constante de desmaiar, era um desses pacientes modelares. Apenas em ocasiões raras sua *indolência* superava sua necessidade de ser aceito por mim. Com má consciência, ele então tinha de confessar que dessa vez ele tinha estado cansado demais para escrever seus sonhos. Afora isso, era o analisando ideal em todos os aspectos: Não havia resistência aparente, e me contava todas as suas pequenas preocupações. Seus sintomas não manifestavam nenhuma alteração. A única novidade era que onde quer que fosse, começava a discorrer sobre o conhecimento psicológico que graciosamente absorvera no curso de nossas discussões sobre sonhos, e até tentava analisar sua irmã; Um dia, depois de sofrer um ataque de ansiedade, subitamente ficou enraivecido comigo e me escreveu uma carta incredivelmente agressiva, na qual disse que, apesar de meus conhecimentos em psicologia, eu não o compreendia, e então passou a criticar tanto a psicologia quanto a mim. Quando uma carta dessas é recebida sem mais nem menos, o analista tem primeiro de se perguntar em que medida ele de fato não compreende o analisando e, em segundo lugar, o que a carta significa do ponto de vista da transferência do analisando. Quando pensei sobre a primeira questão, dei-me conta de que, com base em um plano que ele tinha tido, eu fora incitado por um de seus sonhos a concluir que um pouco mais de coragem era necessária. Naquele momento, ele havia digerido isso graciosamente, como tudo mais. Além disso, eu cessara de permitir a ele tempo suficiente para discutir suas queixas intermináveis, e assim ele não se sentia mais compreendido em seu papel costumeiro. Após essa carta, veio à sessão seguinte bastante envergonhado e temeroso, explicando-me que não tinha realmente querido dizer o que dissera, mas que tinha sido simplesmente tomado por

esse estado de ânimo. Esse incidente salvou a análise da estagnação. Subseqüentemente, -tomou-se mais agressivo em relação a sua mãe e seu chefe, sabendo que tinha o meu apoio.

Pessoas com egos defensivos, que se isolam de tudo que constitui um perigo potencial, também vêm à análise com muita desconfiança. Leva muito tempo até que estabeleçam um relacionamento com o analista. Isso -sena perigoso demais. Entre as mulheres, muitas vezes nota-se um animus agressivo em tais casos, que gosta de mostrar suas garras ao analista: O animus funciona como uma cerca de espinhos, atrás da qual a Bela Adormecida continua a dormir isolada. Isso me lembra de uma paciente que até mesmo em seu comportamento externo sentia-se compelida a desafiar o mundo à sua volta e dava o melhor de si na desvalorização de tudo. Algumas vezes, notei que subitamente a discussão de um sonho, por exemplo, evocava uma resposta dela e que sua voz se tomava mais macia e emocional. Entretanto, no final da sessão, ela subitamente tomava-se abrupta e dizia: “Mas isso era apenas um *sonho*. Tchau.”

Pacientes como esses, freqüentemente defendem-se de um relacionamento com o analista por meio de um argumento que usualmente se apresenta mais ou menos assim:

“Você é muito gentil comigo, mas essa é,afinal, sua profissão. Sei. que na realidade .eu realmente incomodo você.” Como contrapor-se a um argumento desses? Apesar desse argumento ser ouvido com freqüência, acima de tudo quando a transferência ameaça tomar-se desagradavelmente forte, não há, evidentemente, uma resposta padrão. Na realidade, é uma questão do analisando tomar-se suficientemente consciente para dar-se conta de que a barreira da desconfiança é um problema seu, com o qual se pode simpatizar e compreender, considerando algumas das circunstâncias reais com as quais a pessoa se confrontou. Interpretações desse tipo, entretanto, muitas vezes não funcionam, particularmente no começo de uma análise, apesar de poderem se tornar com o tempo mais importantes para o *insight* do analisando. Podem, no começo, fazer com que a pessoa se sinta rejeitada e desvalorizada. Em minha opinião, reações humanas honestas da parte do analista são então de grande importância. Quero dizer que o analista deveria primeiro e sobretudo aparecer como urna pessoa compreensiva e simpática ao invés de reforçar seu papel como psicólogo profissional. A barreira da desconfiança pode melhor ser superada se o analista consegue trazer um sentimento de compreensão real e mostra ao analisando que leva problemas dele a sério. A obtenção de tais resultados é uma questão de reagir sutilmente e apropriadamente à situação, e não há regras gerais a serem seguidas.

Em qualquer caso, creio que é primariamente a confiança no analista que ajuda a superar os temores e encoraja o crescimento do ego. O analisando não mais se sente sozinho e pode arriscar muito mais se pode contar com o apoio de seu analista. O desenvolvimento do ego sempre implica em luta e confrontação constante com ainda, capacidade de sofrer e aceitação dos conflitos e tensões que o processo de desenvolvimento exige. O analista não pode proteger seu analisando dessas exigências. Ao contrário. No entanto, pode ser capaz de ajudar o analisando a encontrar a atitude correta com relação a essa luta e a superar seus temores. Assim que o sofrimento, os conflitos e os temores não são mais percebidos como sem sentido, mas são experienciados como verdadeiramente significativos, muita energia pode ser liberada para o processo de fortalecimento do ego.

Como conclusão e para ilustrar, quero contar-lhes o sonho de uma analisanda de 26 anos de idade. Tinha um tipo muito sério de problemas com a mãe, resultado de seu relacionamento inicial com ela. Tinha estado em análise por três anos naquela época. Nosso trabalho consistia principalmente em tentativas de remover a barreira da desconfiança com a qual ela isolara seu ego e que também estava muito em evidência na análise. No começo, era incapaz de trabalhar, pois sentia-se rejeitada e desprezada por suas colegas, onde quer que trabalhasse. Como resultado, sempre notificava que não iria trabalhar, ou simplesmente não aparecia. No curso desses três anos, lentamente conseguiu desenvolver um sentimento fundamental de confiança em mim, que agora só ocasionalmente é assaltado por dúvidas. Isso não tem sido fácil para ela, pois não apenas teve que sofrer e superar sua desconfiança, mas também superar uma forte transferência para comigo. Fora muito difícil para ela aceitar essa forma de amor, uma vez que pela própria natureza das circunstâncias isso a colocava ainda mais à minha mercê, que era precisamente o que ela queria evitar. Mas, por fim, aprendeu a dar-se conta de que esse amor constituía uma forma significativa de sofrimento para ela e que isso era o fogo necessário para que qualquer transformação pudesse ocorrer como os alquimistas já sabiam. De qualquer modo, após um ano de análise, encontrou um emprego adequado que a satisfazia e que manteve por dois anos. Então surgiu a questão de se essa moça talentosa receberia treinamento adicional. Significava que teria de enfrentar uni programa de educação formal muito exigente e difícil. Nessa época, teve o seguinte sonho estava na escola - como quando era pequena - e sentia-se excluída por todas as outras crianças. Era terrível. Então as deixou e descobriu uma espécie sala nos fundos, que tinha sido construídajunto à escola. Ela agora sabia que essa era sua sala. Lá encontrou uma cama e uma mesa com uma pedra sobre ela, que eu uma vez lhe dera de presente, quando saí de férias. Além disso, havia uma banheira branca muito bonita.

Em outras palavras, ela não mais estava totalmente incute abandonada a seu velho complexo escolar. A escola agora tinha outra sala, nos fundos, que era dela. À ela podia descansar. Quanto à pedra, devo explicar que minha ausência durante as férias sempre estivera associada a uma grande ansiedade para ela. Por essa razão, dei-lhe essa pedra em uma ocasião, antes de sair de férias, como um símbolo da solidez de nosso relacionamento

mesmo durante minha ausência A banheira é o lugar de purificação e transformação. Na série alquímica Rosarium, que foi a base da *Psicologia da Transferência* de Jung: o rei e a rainha no banho desempenham um papel importante. O sonho diz. em outras na lavras, que por trás do complexo escolar traumático, há agora um lugar de confiança que está conectado à análise e seu relacionamento de confiança com o analista. Nesse lugar, ela sempre pode banhar-se, isto- é, pode sempre encontrar ali a purificação e a atitude apropriadas à tarefa com a qual estava se defrontando, sua educação. Como não apareço em pessoa como seu analista no sonho, a ênfase me parece não estar mais no nível subjetivo. A área de confiança não mais está apenas entre nós, mas também nela própria - pois a *lápiz*; a pedra, é, afinal um símbolo bem conhecido do Self. Isso significa que há a possibilidade de a forte dependência da analisanda em mim como pessoa poder resolver-se. O lugar de confiança é deslocado para seu próprio espaço psíquico. Por fim, a verdadeira força do ego pode ser derivada apenas do Self interior, da confiança no significado do próprio destino. O analista pode servir de meio a esse fim desde que isso esteja constelado e *Deo concedente*, com a ajuda de Deus.

Com isso, chegamos ao fim de meus comentários sobre terapia, que admitidamente apenas arranharam a superfície de um vasto tópico. Entretanto, como salientei anteriormente, a situação de cada pessoa é diferente, e o mais importante é conectar-se ao potencial de crescimento do indivíduo, ajudá-lo a descobrir uma atitude consciente, que pode pelo menos parcialmente remover seus impedimentos.